O CONDENADO

AFFONSO GAYO

O CONDENADO

PEÇA EM 5 ACTOS

REPRESENTADA, PELA PRIMEIRA VEZ,
NO TEATRO NACIONAL (ALMEIDA GARRETT)
EM 24 DE NOVEMBRO DE 1916

2.ª EDIÇÃO

LISBOA
RODRIGUES & C.ª — LIVREIROS-EDITORES
186 — Rua Aurea — 188
1921

Obras de Affonso Gayo

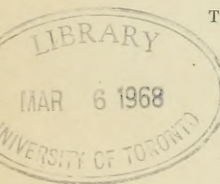
Em verso:

Corôa de espinhos (sonetos) exg.
Lobinho filologico (sátira)
Nós (liricas)
Herois modernos (poema)

Em prosa:

Malavindos (contos dramáticos)
Os novos (romance)

Teatro:

O desconhecido	—	peça	em	3	actos	(inéd.)
Quinto mandamento	—	»	»	4	»	(pub.)
Máxima	—	»	»	»	»	(repre.)
A máscara	—	»	»	»	»	(repre.)
O interesse	—	»	»	1	»	(inéd.)
O perdão	—	»	»	»	»	(repre.)
Pequena aventura	—	»	»	»	»	(inéd.)
Abel e Caim	—	»	»	3	»	(pub.)
Força do ciume	—	»	»	»	»	(inéd.)
O mais forte	—	»	»	»	»	(pub.)
Calvário	—	»	»	4	»	(pub.)
O condenado	—	»	»	5	»	(pub.)

PREFÁCIO

Palavras proferidas pelo auctor, em 7 de dezembro de 1916, no salão nobre do Teatro Nacional num banquete que lhe ofereceu um grupo de escritores e jornalistas.

Meus camaradas e meus amigos:

Começo por acentuar que não posso nem devo aceitar esta demonstração de simpatia, em torno da minha pessôa, como uma homenagem, no sentido próprio que a palavra contêm. Aceito-a, sim, como um traço de solidariedade espiritual dos presentes e daquêles que, por alguma forma, manifestaram a sua adesão, — porque nada mais me era devido. E a satisfação que sinto, com isso, resulta principalmente da atmosfera carinhosa, do acordo, da defensão que encontrei agora nos meus antigos camaradas da imprensa, sem as quais, decerto, uma pequenina parcela de triunfo não se adicionaria à minha carreira de escritor.

Era mistér frisar de uma maneira inconfundível a glória que pertence à briosa corporação jornalistica pela deferência que teve para comigo. O facto serve ainda como prova de que a Justiça, apesar de ter uma venda nos olhos, e posto que se demore ou atraze, às vezes, no caminho dos que a procuram com fé e energia indomáveis, nunca deixa de lhes bater à porta, no momento propício em que o

desalento começava a invadí-los. Nunca se esquece dos que trabalham, na medida do seu esfôrço, para enriquecer o património artístico. E' êste, por certo, o meu único mérito, porque outro valor não quizera que me fôsse atribuído.

O sucesso obtido pela minha recente obra teatral (recente apenas quanto à época em que subiu à scena, porque foi escrita há meia dúzia de anos) não me entontece, não me enebria de vaidade; serve tão sómente para encorajar-me. E' um anteparo onde me acolho e resguardo um pouco fatigado já de canseiras inglórias, para atingir um pequeno lugar em volta dos grandes herois do Pensamento e da Amargura. O prémio, seja qual fôr a espécie ou o valor material, pode não desvanecer os ambiciosos, mas consola e sára muita ferida aberta na refrega, aos que põem mais alto o seu ideal, sobretudo, quando a sépia dos cabelos começa a mudar de tom.

Tiremos do meu exemplo uma lição profícua, procurando achar-lhe um significado de maior alcance:— a questão geral. Essa é que importa esclarecer. Torna-se para isso necessário cindir, no mesmo fio de interêsses e afinidades os que trabalham com uma pena na mão, tentando com ela, à guisa de aríete, destruir as muralhas da China do Erro e elevar novas pirâmides ao Pensamento. A pena é mais ùtil na vida contemporânea do que foi a espada no ciclo medieval. Contento-me, pela minha parte, em ser um número dígito entre dezenas que estejam adiante ou ao meu lado.

Há duas coisas que, na vida, nunca se devem pedir: — é o bilhete de entrada no Parnaso, e o amor da mulher; ambas se conquistam, — uma a golpes de talento, de energia e de trabalho; outra à custa de juventude, de beleza e de coração.

Mas todos nós que apertamos nos dêdos nervosos uma pena, temo-nos, até agora, esquecido de computar, de registar o potencial dêsse instrumento admirável que engrandece o género humano. A classe dos homens de letras em

Portugal, com ser a mais valiosa, pelo menos, no que respeita à sua esfera de acção, é a que mais padece, a que mais sofre por suportar a indiferença dos poderes públicos e a neglicência das multidões.

Observemos o que se passa num periódico de pequena circulação: todos os trabalhadores, desde o homem musculoso, que conduz as ramas para a casa da máquina, até os mais obscuros tipógrafos, teem a sua jorna assegurada; ao passo que os redactores, sem os quais não é possivel encher o jornal e faze-lo circular, nem sempre vèem garantidos os seus ordenados, porque são os últimos a receber. O mesmo acontece com o livro e, se com a peça do teatro não se produz igual e completo absurdo, é porque èste género de literatura tem a sobrepujar-lhe as máximas dificuldades, as contingências de toda a natureza, incluindo os factores da *chance* e da oportunidade. Mas não é ocasião azada para dissertar a tal respeito, porque isto compete a um conferente e noutro lugar. Se ligeiramente aludo ao facto, é para aproveitar o ensejo, que se me oferece, dizendo meia dúzia de palavras indispensaveis.

Eu desejaria, meus amigos e colegas, ter logrado um èxito com qualquer trabalho dramático em que melhor se concretizassem as tendências do meu espírito e da minha orientação filosófica.

Lamento ter de focar ainda alguns incidentes da minha carreira de escritor dramático, porque poderia parecer egotismo, se èles não fossem absolutamente necessários para os fins que venho esboçando, consoante sei e posso. Prometo, contudo, ser breve, visto como não podem contar com a minha eloquência.

Em Portugal não tem havido lugar para o teatro moderno, superiormente orientado, como o praticam lá fóra, Ibsen, Hauptmann, Strindberg, Sudermann, Giacosa, Roveta, Bracco, De Becque, Brieux, Donnay, Jacinto Benavente, etc., etc.

Uma peça, para ser compreendida, tem que fixar-se na

linha média do sentimento colectivo. Por isso, os que se arriscam a desferir um vôo mais altaneiro, sucede-lhes como dizia Herculano, que falam à porta fechada. Ora, isto significa que um autor dramático, nas minhas condições, depois de haver escrito algumas peças em que se atacavam problemas de ordem mais elevada, se vê forçado a descer de um plano superior para vir buscar, dentro duma obra, quáse anedótica, o êxito que, nas transactas, não encontrou por falta de ambiente, por negligência e atraso, mental das plateias. Quere isto significar que o público não atinja, de certo modo, a intenção ou as sínteses duma obra mais independente e avançada, com pontos de vista largos e profundos? Não; quere simplesmente dizer que o público pode e deve ser orientado; precisa de que o preparem também para receber e aceitar a produção nacional como a melhor representação imaginada e figurada dos costumes, vicios ou erros da sua época, porque é a única maneira de se formar um fundo artistico. Tal é o papel de todos nós que lidàmos na imprensa: — orientar e proteger o original português.

O motivo por que *O condenado* aparece depois do *Quinto Mandamento* e da *Mascára*, não falando de outras peças inéditas que hão de definir e marcar bem — estou disso convencido, — a minha maneira ou a minha orientação, está, portanto, explicado pela necessidade que todo o escritor tem de se fixar no espirito público com obras que êle entenda e sinta.

E, agora, porque cheguei positivamente a um dos pontos mais importantes, lanço os olhos para esta casa de Garrett, onde a valer tercei armas e me expuz, com toda a coragem, ao sacrificio de muitas ilusões. Qual é a impressão que eu terei colhido dos meus ensáios de dramaturgo? Sem desprimor para ninguem, a minha impressão é esta: — o Teatro Nacional está a pedir uma reforma profunda que seja, ao mesmo tempo, de profilaxia artistica. Há que voltar tudo isto *de fond en comble*. Convém

mesmo insistir nêste ponto; — o nosso primeiro teatro de declamação não pode servir para exploração industrial. Criou-se para fixar a língua portuguêsa, para proteger e difundir a literatura dramática, para, em suma, auxiliar incipientes autores e artistas dramáticos; numa palavra: para ser um teatro escola, porque nem sequer é fácil convertê-lo numa casa de audições populares, dada a escassez de lugares, a preços módicos, que constituem a chamada *defesa*.

Qual deve ser, portanto, o objectivo da campanha de todos nós artistas, poetas, dramaturgos, escritores e jornalistas? Pugnar para que èle continue a ser o teatro escola, um pouco eclético, se o quizerem. E, para conseguir êsse *desideratum*, por onde começar? Pela criação duma repartição teatral com atribuições especiais, de forma que o casúlo borocrático não emperre os intuitos dessa instituição útil e necessária. Mas quais seriam os seus fins? Fiscalizar o modo como se organizam as companhias deambulatórias que vão, de longada, para o Brasil, mas sem, de modo nenhum, lhes estorvar a iniciativa e o direito, procurando antes orientá-las, para constituirem os seus elencos com pessoal artistico harmónico e homogéneo e, principalmente, para levarem um repertório adequado, tanto quanto possível nacional, afim de com èle mais fácilmente seduzirem os nossos colónos dos diversos estados da América do Sul.

Bastaria, para isso, conforme a um relatório que tive a honra de enviar ao ministério do Interior, no tempo do Govêrno Provisório, que se classificassem, por mérito absoluto e relativo, as companhias que saissem do país. Se alguem imaginar que isto invade os dominios da fantasia e não pode entrar no campo das coisas possíveis e práticas, estou pronto a desenvolver, com maior amplidão, a maneira de se conseguir tudo sem aumento de despesa orçamental e sem grande canseiras para o legislador.

Não é ocioso referir que o ministro da instrução tem o

dever de oliar por tudo quanto diga respeito ao prestigio da nossa lingua, mormente pela producão que exportâmos para essa segunda patria, para me servir da conhecida frase de Latino Coelho. Mas nada disto se pratica, de sorte que o desleixo ou o esquecimento dêsse dever têem que remediar-se de futuro. Por outro lado, se os estadistas republicanos supõem que estas coisas de teatro são umas bagatelas, em que não vale a pena falar, darei para comentário um caso acontecido, ha mais de quinze anos, no Parlamento francês, que concretiza melhor que tudo quanto eu agora pudesse dizer.

Se a memoria não me atraiçôa, foi num dos ministérios de Waldeck-Rosseau. O ministro da instrução dessa época (e não me recordo do seu nome) foi interpelado por um deputado da oposição, o qual lamentava que o governo consumisse alguns milhões de francos anuais com os primeiros teatros de Paris, em detrimento do ministerio da guerra que reclamava constantemente a aprovação de verbas epeciais para organizar o exercito e dotá-lo com o respectivo material de campanha.

Então êsse ministro ergueu-se para declarar altivamente que mais servicos prestava á França o teatro do que o exército em tempo de paz, porque graças aos grandes artistas Sarah Bernhardt, Coquelin, Mounet-Sully, Réjane, etc., a lingua francêsa difundia-se não so no resto da Europa, mas também nas duas Américas, trazendo para a sua literatura teatral todo o prestigio de que ela se julgava, e com razão, merecedora. Era pela bôca dêsses grandes intérpretes que Molière, Corneille, Racine, Victor Hugo, Dumas e tantos outros recebiam a consagração extra-fronteira, contribuido, cada um dêles, autores e artistas dramaticos, para alargar os horisontes da arte e do genio latido que a França consubstancia admiravelmente.

Este episódio, trazido agora à colação, demonstra miludivelmente a transcendência com que lá por fóra se encaram todos os problemas estéticos. E' que uma nação so e grande

pelo seu repositório artístico. Mas, infelizmente, nos países de grande atraso e decadência, como o nosso, êstes assuntos chegam mesmo a provocar a irrisão. Por isso, o teatro em Portugal agoniza. Se, ao menos, persistindo neste processo simiesco de copiar tudo quanto nos vem do estrangeiro, chegássemos, por exemplo, como já o pratica o Brasil, a impôr uma pauta protecionista para a produção nacional, poupariamos ao desgraçado autor lusitano o inglorioso martírio de competir, sem vantagem, com a nefasta e quase sempre dissolvente tradução, com o sucesso autêntico d'alem fronteira, porque nenhuma emprêsa, por menos solerte que seja, vai procurar peças que não tragam apensas uma reputação mnndial.

Entretanto, se a indústria nacional deve ser livre, há que pôr certas restrições ao Teatro Nacional. Como posso eu (e lá vem o meu caso à baila) lutar com um autor da categoria de Henry Bataille? Pois como todos sabem, assim aconteceu agora. A minha peça sucedeu, no cartaz, ao autor da *Marcha Nupcial*. Admitindo que o meu drama tenha várias qualidades e algumas condições de agrado, é indiscutivel que êle atravessou ondas de desdêm ou, pelo menos, de dúvida, antes de sofrer o apreço da crítica e o aplauso do público. Houve, concertesa, a desconfiança lerda de todas as pessôas que não viam no escritòr português uma reputação chancelada com os reclamos antecipados de quase toda a Europa. Não, não, isto não pode continuar assim O Teatro Nacional, para justificar o seu próprio título, tem que pôr de banda a tradução com intuitos exploradores. Se os governos estão dispostos a encarar esta questão com desassombro, que estudem a forma de a resolver, despresando interêsses inviusados... E, se há direitos, legitimamente adquiridos, no tocante aos artistas desta casa, que se acatem e respeitem também. Mas sem nos esquecermos, ao mesmo tempo, de que o Teatro Nacional pertence também, de facto e de direito aos autores. Estudar o assumto sem prejuiso para nenhuma das

partes interessadas, eis o que é mais do que um dever, é uma insofismável necessidade.

E, agora, meus camaradas e amigos, ponho de parte estes ligeiros considerandos para agradecer comovida e sinceramente a todos os presentes a honra que me deram com a sua comparência numa festa que, como já frisei, deve revestir, apenas, o caracter dum ágape em que se reuniram hemens de letras e amigos de longa data.

Peço licença para envolver a todos num brinde de camaradagem e, da mesma sorte, aos intérpretes do *Condenado*, alguns dos quais me deram a alegria de vir aqui para a minha beira. A todos, finalmente, os meus sinceros agradecimentos. Disse.

Tais foram as palavras de que, com a maior parcimónia, me servi para deliberadamente tocar na magna questão teatral, cujos disvelos, mais de uma vez, tenho exteriorizado em artigos criticos, em relatórios oficiais e conferências da especialidade.

Depois de afirmado o meu reconhecimento pela homenagem sincera, posto que imerecida, que me deixou indeléveis recordações, envoltas num côro quase unânime de elogios da Imprensa, não existem agora dúvidas sôbre o aparecimento... do *Condenado*, cujo sucesso indiscutivel (é bom acentua-lo) quebrou os dentes da calúnia e de um livido núcleo de invejosos e de mediocres que tentaram emporcalhar-me com o seu ódio verde. Mas deixo no escuro as peripécias e vilanias que me rodearam dêsde os trabalhos preparatório da peça até à noite da *première*, porque tudo isso é já do dominio de muita gente. Outro e mais levantado é o meu propósito. Encarando sob novos aspectos a literatura dramática, o meu pensamento tomou o lugar dêsses desabafos que, por não serem mais interessantes, tinham ainda a desvantagem de me sujar os bicos da pena, ainda que a molhasse na tinta do mais compacto desprezo.

*

* *

A época em que dou a lume a primeira edição do *Condenado* revolvida e rebolcada por tantas e diversas agitações, marca indiscutivelmente uma profunda estagnação e apatia nacionais.

Não há lugar para qualquer assòmo de actividade mental fóra do àmbito politico, como sintòma manifesto da inferioridade que avassala tudo. Entretanto, afastada e independente das trepidações e do rescaldo revolucionário, uma espécie de ressurgimento artístico se manifesta nas artes plásticas e na literatura dramática, porque o mesmo não se poderá dizer quanto à arte de a interpretar, rolando para o abismo da mais acentuada decadência.

O fenómeno, ainda que pareça extraordinário quanto a esta última, deve ter-se produzido, em parte, pela reforma do Teatro Nacional que, apesar das suas imperfeições, de uma caótica e enredadeira legislação — como tudo quanto sai das mãos da incompetência borocrática, — deixou aberto aos incipientes dramaturgos um postigo do portão daquêle edificio.

Antes dela se produzir, era inexpugnavel a fortaleza, tornando-se dificilimo o ingresso aos adventicios com talento e vergonha.

Certo haveria uma grande injustiça em não se fixar este ponto que há de, necessáriamente, entremear-se na história do teatro portuguès, se mais tarde houver necessidade de fazer semelhante estudo, descortinando-se este período literário com maior independência e sem aqueles narizes de cèra de que se uza para com os plumitivos habilidosos e reclamistas das suas obras de fancaria. Mas não cabe o mais pequeno cibo de glória aos estadistas republicanos que transitaram, como meteoros da assinatura do expediente, pelo ministério da Instrução, após o Governo Provisório da República.

Nenhum dêles pressentiu a necessidade de legislar qualquer coisa no sentido de se proteger e salvaguardar o nosso primeiro teatro de declamação, dos assaltos e atropêlos que, à sombra dos alçapões da lei, podem cometer-se, enquanto não se emendarem os erros que a experiência e a prática de vinte anos demonstraram sobejamente.

Não há ninguem de boa fé, talentoso ou ligeiramente versado nestes assuntos, que desconheça a importância que o teatro pode exercer na vida portuguêsa, sobretudo — quando os autores e artistas dramáticos compreendem e sentem a sua missão.

Em Portugal existe, de facto, um pronunciado amor pelo teatro; é uma literatura que interessa até mesmo os que não sabem lêr. Por outro lado, como quase ninguem compra livros, a peça reproduz, como relato fácil, os incidentes mais palpitantes da vida presente, quere no que se relaciona com a produção mundial, de que entre nós se abusa com sofreguidão criminosa, nomeadamente, a peça francêsa, — quere ainda nos assuntos lusitanos que, transportados para a ribalta, proporcionem temas de elação.

Nos costumes e usanças de cada provincia, há uma infinidade de aspectos sugestivos que não teem sido fixados nem pelo folclore, nem pela linguagem. Ora, em tudo isso existe um traço fundamental, cuja interpretação contêm belesa e ensinamentos.

O regionalismo poderia, de certo modo, à guisa do que fazem em Espanha os irmãos Quinteros e pelo exemplo, que nos legou D. João da Camara, despertar-nos um pouco de amôr por tudo quanto é nosso.

Não é um facto exclusivo e isolado a crise do nosso teatro, apesar das suas caracteristicas indiscutiveis. Qualquer problema artístico não tem solução fácil em Portugal, porque, em rigor, as preocupações dessa natureza descrevem a mesma curva de decadência. Em tais condições, não era possivel criar-se, de súbito, uma atmosfera benévola que oxigenasse os intuitos duma geração apare-

lhada para êsse cometimento. Mas admitindo, como hipótese, que a dramaturgia tenha sido inferior a outro ramo literário, conviria averiguar as causas que, de uma maneira geral, podem talvez sintetizar-se em remotas ou históricas, próximas ou eventuais.

No primeiro caso, torna-se imprescindivel aludir, ainda que de raspão, á época em que Gil Vicente iniciou o teatro português. Logo por aí se verifica que é sempre em periodos áureos e de independência moral que surgem autores dramáticos, porque são essas as condições essenciais para fomentar a obra do teatro, infecunda sempre que fôr precintada pela coação da liberdade ou esmagada e submetida à contingência económica.

O alvorecer do teatro português incide num ciclo não só de riqueza, de esplendor nacionais, mas, também, de liberdades comportaveis dentro das noções filosóficas do seu tempo.

Gil Vicente poude utilizar-se da sátira por ter grangeado o favor realengo que o encheu de prestigio. Era o bastante para triunfar. Mas, já na geração imediata, a Inquisição, oprimindo a sociedade e minando, como um gusano, as consciências, punha toda a espécie de entraves à expansão do pensamento e fazia obliterar tudo quanto galhardamente fôra entrevisto o realizado pelo chefe da primeira dinastia teatral. E, após essa eclosão luminosa, acentuava-se a decadência a que o dominio castelhano havia de dar as últimas machadadas.

Depreende-se, portanto, que só em determinadas *étapes* da civilização se aparelhem autores dramáticos, — porque o teatro é um genero d'arte não só complexo, mas dispendioso. O facto de Moliére encontrar a Luis XIV e Gil Vicente a D. Manoel, não faz senão confirmar que, tanto a um como a outro, os meios e as épocas lhes foram propícios.

Quanto ao estipêndio, vê-se que toda a peça (e tomemos para exemplo a que exija menos explendor de scenário e

de guarda-roupa) é incomparavelmente mais dispendiosa, por cada récita, do que a modesta edição de qualquer livro de número restrito de páginas.

Além disso, a obra, meramente literária, resulta perfeita, quando escrita, ao passo que a do teatro carece ainda do concurso e subsidio de tantas outras artes para se completar integralmente, supondo que na transfusão ou na passagem dos dominios concepcionais para a objectividade e convencionalismos da scena, não se dê o salto de um sonho para a realidade, — isto é, uma fuga ou perda de valores.

No tocante à arte de representar, não admira, por conseguinte, que, durante perto de três centúrias, qualquer dramarturgo contumaz, como António José (o judeu) fôsse torrado nos autos de fé, por satirizar os vícios e os erros clericais, ou por confundir as classes preponderantes e priviligiadas, que, verdadeiramente, eram as que forneciam mais episódios e assuntos grotêscos ou de polpa madura paro se lhes espetar o bisturi da critica. Logicamonte, a arte teatral havia de estacionar, depois de haver sido criado com tanta originalidade.

Mas ao passo que isto sucedia com o teatro, condenado pela igreja, que às mulheres tolhia a faculdade de representar e aos homens, a quem tolerava o pecado, o direito a sepultura em recinto sagrado, com o livro, poema, oratória, pintura sácra, escultura ou música, dado que traduzissem ideias teológicas, fantasias liricas, endeixas inocentes, – podiam desenvolver-se, posto que atrofiadamente, sob o olhar agúdo da Inquisição.

No segundo caso, as causas próximas ou eventuais subdividem-se ainda na falta de elementos tradicionais, dependência ou desencontro do autor com o público e na inèrcia mental das plateias.

A falta de elementos tradicionais trás apenso o ratraimento ou a indiferença do público, grandes precalcos para todas as tentativas arrojadas. Falta-nos a capacidade

admirativa, o culto pelos homens de letras e artistas, apodados, em regra, de vadios. Não se compreende a obra d'arte de qualquer natureza; não se dão ensanchas ao artista para viver dentro da sua própria atmosfera.

Entretanto, nenhuma arte, como a do teatro, pode solicitar um ambiente de carinho, de protecção, de estímulos, propiciando o advento e a iniciação de escritores que se aventurem a uma carreira tão eriçada de espinhos.

Assim, uma peça sofre, nos meios pequenos, antes de exibir-se, todas as flutuações da opinião preconcebida, desconfiada e maldizente: — se o autor é ou não simpático, amigo e correligionário politico, compadre dos organizadores dos corrilhos que pontificam nos *mentideros*.

Atravessa uma bruma de enrêdos, aleives e cabalas que vão influir, necessariamente, na própria interpretação. E tudo isto, que assume, às vezes, proporções trágicas, não compensa, de maneira nenhuma, o orgulho de um escritor, que, ao menos daria por bem empregadas as fadigas, se o desafôgo material o puzesse ao abrigo de misérias. Mas, como se êstes tumultos não bastassem, êle sente-se ainda deprimido com a desorientação crítica que, de ordinário, entre dislates, se limita, na maioria dos casos, a noticiar uma *première* de original português, como um simples *fait-divers* de ruela, com a agravante de que essa meia dúzia de linhas são debitadas por indivíduos que, justamente, no teatro fôram sempre insignificantes e que, por isso, se comprazem em achincalhar o trabalho dos que progridem e marcam o seu lugar inconfundivel. Poucos sao, realmente, aqueles que põem a sua opinião acima dos interêsses dos grupos em que se arrigimentam, salvando-se assim da vasa de irritações, cóleras surdas, invejas mesquinhas perante cujo esterquilínio desanimam até os mais afoitos e animosos escritores.

Por seu turno, a preguiça do público colabora quase sempre no malôgro do original, mórmente quando nêle

perpassam ideias alcandoradas, estabelecendo-se, por isso, um desencontro do autor com a plateia.

Não há também independência moral do escritor, desde que a sua critica não exerça livremente sôbre todos os factos sociais e políticos. Se o dramaturgo a tanto se abalançar, — porque só o poderá fazer de um modo contundente e rude, — sopra logo a labareda das paixões e dos interêsses de onde resultam os movimentos tumultuosos da vida contemporânea.

Finalmente, sem o estímulo do lucro que determina a concorrência e a selecção, o original, compelido a singrar num mar encapelado, asfixia depois, em face do sucesso do estrangeiro, que é um dos seu piores inimigos. Como poderá, então, o dramaturgo lusitano resistir a tantas provações, aperfeiçoar-se, tornando-se perfeito no seu mester?

Se uma peça é um núcleo de caracteres integrados numa acção, exije factores de unidade de tempo, elegância e sobriedade na linguagem, intensidade nos processos dinâmicos, psicologia e fantasia para a criação das figuras, erudição e originalidade para envasar tudo isso dentro de uma técnica impecavel. E, havendo que observar-se estas funções de equilíbrio em qualquer drama ou alta comédia, até mesmo naquelas de psicologia branca ou de enunciado simples, como acontece aos que seguem *le chemin de Dumas*, (tal o itinerário de quase todas as peças francêsas) para o dramaturgo isolado, independente de sugestões e de influências, que tente alargar o seu horisonte filosófico, para nele dar expansão ao potencial das suas ideias, não há, por emquanto, um público que o compreenda, nem uma corrente de opinião que o estimule.

Mas, em detrimento dos temas das obras complexas avançadas, agradam, entre nós, as revistas e as peças históricas. E porque agrada a revista? Por ser um embrechado de episódios fraccionados, descosidos, apenas ligados pelo traço gôrdo, caricaturial da estupidez, sob um fundo de sensualidade mórbida. As hordas incultas sentem-se facilmente

espelhadas e desvanecidas, mirando-se e revivendo, com os seus grosseiros instintos, nos tipos que o revisteiro pinta, despejando-lhes em cima ondas de pornografia, exactamente como as proxenetas dispertam nos velhos sádicos e valetudinários impotentes, os mais desbragados apetites de volúpia.

Mas isto não o pode fazer um autor de categoria, supondo mesmo que lhe fôsse tolerado, para se desviar dessa imundícia, vincar as figuras dos políticos e dos *gros-bonnets* da sua época sem correr o risco de ser anavalhado a uma esquina, visto como sem um látego cruel, à Juvenal, elas não se prestariam ao envasamento dum quadro alegórico a que não minguasse o relêvo artístico.

Quanto à peça histórica, ela realiza, até certo ponto, o ideal acanhado das plateias, não só pelo pitoresco da figuração e guarda-roupa, mas tambem por que desvanece os sentimentos retóricos do passado, que é praxe poetizar e admitir sempre como melhor do que o presente.

A crise teatral subsistirá, por conseguinte, emquanto não forem acautelados os interêsses gerais da produção dramática, rodeando o original de todas as solicitudes, dentro e fóra do teatro, enchendo o autor de prestígio e pagando-lhe generosamente, como se faz nos grandes centros, onde a vida do escritor não é uma hipótese nem um problema.

*
* *

O teatro moderno tende para se diferenciar, desempoeirando-se do bolor do passado. E, como procura realizar uma moral nova, tem necessidade duma literatura de construção.

Os grandes espíritos pressentem já essa fôrça, até mesmo os que, durante largo tempo, se refugiaram na torre de marfim, — isolados do convívio com as causas da humanidade. Uns e outros tentam objectivar as suas concepções no campo social.

Gabriele d'Annunzio afirmou que na Arte não podia dispensar-se uma certa utilidade e, nestas palavras, não fez mais do que sintetizar o que a tal respeito, Guyau tinha, antes dêle, generalizado. E' êsse, não há dúvida, o caminho da literatura, porque toda a realização artística que não se dirija às eternas aspirações humanas, não passa dum efémero devaneio. Sucede com ela o que aconteceu com os antigos filósofos da China, da Índia e da Grécia, que, apesar de formidáveis colossos, desenvolveram, apenas, um alfôbre de especulações metafísicas, a espaços maravilhosos, mas que estavam distantes, anos de luz, do direito humano, que êles não puderam visionar. Essa máxima prerogativa, estando fóra do alcance primevo da origem da Vida, — tinha que apurar-se e definir-se através das civilizações, à medida que se fossem desenvolvendo as modalidades filosóficas, os conceitos políticos e os prejuizos religiosos.

Ao doirado ciclo da Hélade, com os seus poétas, filósofos e oradores é que se deve logicamente o *alumbramiento* da forma teatral, aceitando mesmo como presumível que a farca ou a comédia derivassem do episódio burlesco das bôrras de vinho com que os lagareiros áticos besuntavam a cara na época das vindimas. Inicialmente, o discurso tem mais razão de ser, porque cada orador ateniense era um actor consumado.

Não há dúvida de que a obra do teatro, posto que mais profunda, é na eloquência que baseia os seus principios. Abrange os domínios da vida humana no que há de mais tocante; entra nas consciências, insinuando-se; subjuga pelo sentimento; convence pela ternura; esmaga pelo terror; refrigera pela piedade; perturba pela visão e enlanguece pela música da palavra, porque tudo isto não é senão eloquência.

Os grandes autores dramáticos são oradores: abalam e fazem estremecer os corações menos sensíveis e os espíritos mais negligentes e rebeldes. Estando sempre dentro

da natureza, servem-se do que nela há de mais emotivo — a sensação e o movimento. O movimento é o actor e tudo quanto o rodeia, — a sensação é a palavra, a ideia. Imaginemos num a beleza: noutro está a criação.

Mas, se os meios, de que o teatro lança mão, parecem rudimentares, dia virá em que, com os recursos das descobertas e invenções modernas e servido por homens de génio, possa atingir a suprema maravilha, tornando-se a mais decorativa, sensacional e completa de todas as artes.

Pelos poetas, mais do que pelos filósofos, é que se distendeu o vôo inquieto da alma humana. A Grécia foi o berço da psicologia do Futuro. Algumas tragédias conteem um *substractum* psíquico que a análise contemporânea deve ter achado incomportável naquele tempo. Que maior exaltação do pensamento haverá na mais bela obra moderna, se a comparamos com o *Œdipo* ou com a *Antígona?*

Na falta dos estranhos filósofos atenienses, computariamos o valor dessa admirável civilização pelas tragédias de Sóphocles e de Éschilo.

Quando, séculos mais tarde, após o ciclo medievo, surgiu a Renascença, o espírito humano, cristalizou-se numa pleiada de artistas. Não tardou muito o apogeu teatral realizado por homens de génio que podiam enfileirar ao lado dos primeiros trágicos. Mas de então para cá, o teatro não entrou noutro período áureo, porque o romantismo não atingiu a altura dos clássicos espanhois de onde deriva em linha recta.

De Shakespeare a Schiller há perto de dois séculos de interregno, mas a distância, que os separa, tende a dilatar-se mais, porque a natureza parece que ainda não teve tempo de parir um semi-deus igual. Não admira, portanto, que a aspiração social não encontrasse um intérprete sosia daquele que fôra fadado para exprimir as grandes paixões e sentimentos da alma humana. Várias gerações, não obstante Schiller, Göethe, Victor Hugo, Tolstoi, Balzac, Spencer, Comte, Zola, Kropotkine, Darwin, Taine

e Ibsen, irão acumulando elementos para, no dizer de Prudhon, regarem e fertilizarem a terra de onde há de nascer o novo génio que, para o teatro, não pode deixar de ser de origem shakespeariana.

*

* *

A repercussão das ideias modernas não teve vibração nítida no teatro português. Encontra-se talvez um ligeiro e ténue fio, mas de pior trama, por não se lhe descortinar o sentido ideológico, numa peça de D. João da Camara, *O Pantâno*, necessáriamente influenciada por Maeterlinck e por Ibsen. Mas, se houve qualquer outro abalo com a corrente ibseniana, por exemplo, logo se perdeu, porque era relativamente cèdo para uma adaptação dessa natureza.

Dèste modo, quando apareceu o *Quinto mondamento* com a sua intenção, e o *Amanhã* sob a luneta de Mirbeau, não havia precedentes dessa índole, além de que o meio estava envenenado pelo industrialismo francês.

Assim o movimento do chamado teatro livre em Portugal, não teve razão de ser; era como que uma ideosincrasia mesológica. Não poude adaptar-se, menos por falta de ambiente, como Antoine tivera em Paris, — centro que justifica audácias e revoluções, — do que por não respigar um espoente tradicional. O erro dèsse tentame foi, não há dúvida, a negação de uma ideia fundamental. Se tivesse aparecido um homem superior que lhe aquedutasse os intuitos da revolta, fazendo-a chispar no cristaloide nacional, chegar-se-ía, talvez, a um esbôço de ressurgimento que não se deu por carência absoluta de critério estético e de generalização. Trazia uma preocupação política que, colidindo a beleza sentimental, inseparável de toda a obra d'arte, lhe transvestiu o principal objectivo.

Compreender-se-á melhor tudo isto, quando se atentar no preparo que teve o teatro de Ibsen, graças a Eduardo

Brandés, difundindo na Cristiânia ideias similares, por formas distintas, porque, de facto, um tem arcaboiço de reformador, ao passo que o outro não era mais do que um dramaturgo de *élite*.

Caso análogo, se deve ter dado com Marlowe que, nos fins do século XVI, apesar de descobrir temas admiráveis para os seus poemas dramáticos, nunca atingiu a grandeza shakespeariana. Mas o que foi relativamente fácil ao émulo de Ibsen, actuando num país de grande cultura, era totalmente impossível num meio espartilhado de francesias, incaracterístico e frívolo, como o nosso. Além disso, o teatro de Brandès, mais perceptível e de influição francesa, tinha a vantagem, por isso mesmo, de adubar o terreno para que, com maior pujança, a planta ibseniana frutificasse.

Em França, um movimento congénere, sob fórmulas diluidas e desconcatenadas, — tal o paralelo entre Curel e Mirbeau, — entrevia-se em Brieux, Lavedan e outros, alguns dos quais se abalançavam a teses puramente literárias, misturando Dumas com Ibsen ou fazendo uma cocção ainda pior: juntando-lhe Sardou.

Gerhardt Hauptmann nebuloso, mas mais profundo que a maioria dos franceses e, talvez, afeiçoado a Ibsen, ergueu-se porventura, mais alto que Sudermann, que tentou conciliar o espírito germânico com a emoção latina. Revela nisso uma certa transparência e visão das coisas, mas não se individualizou superiormente. O seu processo é um pouco análogo ao de Pinero que, apesar de figura predominante no teatro inglês, não demonstra também nenhuma parcela de evolução.

Coube à Itália a menor soma de elementos para a renovação dramática: — Roveta, Bracco, Giacosa, se não espalharam grandes ideias, atingiram um lugar diferenciado na psicologia teatral.

Finalmente, o teatro, em Espanha, excita-se com as peças de Guimerá, Dicenta, Russiñol e Benavente. O au-

tor dos *Intereses criados* constroi, nesta farça, uma ponte de três pilares, — teatro grego, clássico e contemporâneo, quase um paradigma de uma obra definitiva.

Pôr tudo isto se infere o *fervet opus* das gerações à compita para marcar a linha magnética da evolução, para contribuirem, como rapsodos, para o novo Homero do Teatro.

Se, ao sairmos dêste período transitório, o teatro ampliar o âmbito da sua acção, criando novos elementos emotivos, que saiam fóra do ciclo amoroso de todas as idades, dando a êsse amor outra interpretação, poucas serão, em verdade, as obras que tenham auxiliado a sociedade futura. E, assim, de um modo geral, se pode talvez afirmar que, à excepção de algumas peças definitivas, independentes, o teatro tem servido o fastígio da burguesia e os interêsses conservadores.

Quanto aos que tentaram revoltar-se contra esse predomínio do capital, da moral existente baseada nêle, — cairam, por vezes, na pletora sectarista e cega, transportando para a scena o que não podia fundir-se nas puras generalizações, porque era apenas da índole dos comicios de propaganda.

Mas a arte teatral, como qualquer outra verdadeiramente grande, não pode focar os aspectos especiais ou particulares das questões. Deve bater mais alto, tomando dos percursores e dos iluminados as substâncias das suas ideias e não o programa dos seus partidos. Certas obras politicas, que nos fins do século passado e no começo dêste, quizeram agitar e abalar preconceitos, tiveram uma acção evanescente e transitória, em virtude das suas ficções directas.

Se aceitarmos, no dizer dum crítico, que o *Hamlet* faz neurastenias, como o *Werther* contribuiu, na época do seu aparecimento, para haver muitos suicídios, não compreendemos, entretanto, que uma tirada romântica produza herois mitológicos. Por outro lado, não são as peças com personagens orientadoras, debitando lérias didáticas que

mais se fixam no coração das plateias. Obras dramáticas se fizeram com determinados intuitos que, longe de comover e de advogar principios de altruismo, produziram tédio ou indiferença. Outras, porêm, não revelando instintos revolucionários, causaram uma profunda sugestão de piedade e concordância com as grandes dores da humanidade. Tal é o caso da obra de Turgueneff, *Pão alheio*, que, não sendo realizada ou concebida sob os auspicios das associações niilistas de Moscou e Petrogado, deve ter provocado maior estrondo e espanto na autocracia russa do que uma peça, à Dumas, com *raisonneur* a explicar ao público as desigualdades sociais.

*

* *

O industrialismo moderno, de que a França tem abusado com vantagem material para os escritores de segunda ordem, contribuiu necessáriamente para a decadência teatral dos outros países que muito sofreram com essa invasão. Contra ela seria conveniente estabelecer uma zona suja, emquanto cada um dêles, nomeadamente o nosso, não desenvolvem o seu fundo artístico, que é o melhor cordão sanitário para evitar a propagação da epidemia de obras nefastas e dissolventes.

Convem não esquecer que grande número de peças francesas, cujo valor intrínseco é nulo, servem sómente aos interêsses especiais de certos autores que, para grangear uma gloríola fácil, as escrevem, pondo a mira nos artistas célebres, desvanecendo-lhes as vaidades.

São, principalmente, essas obras sem nenhuma significação moral, nem filosófica, que mais reboam no estranjeiro, quando os grandes actores, cabos de companhia, as incluem nos seus repertórios. E, como o espírito de imitação invade tudo, até mesmo escritores com certos pruridos de independência e altivez, sentem-se atraidos para o genéro e transigem para não ficarem sem intérpretes de

categoria. Deste modo, se escrevem peças com uma única figura central, quase sempre inadmissivel, rodeada de outras absolutamente ilógicas, vazias de sentido, mas que se escalonam em diversos planos para dar perspectiva ao protagonista.

Por isso, a peça moderna, de caractéres, lógica, humana, sentida, dando a cada figura um cunho de sinceridade e de enlêvo proporcionais, tem contra si a má vontade ou o desdém dos artistas insignes. Compreende-se a razão. Uma obra, nestas condições, requere implicitamente um núcleo interpretativo de primeira grandeza, e não há memória de se juntarem dentro da mesma peça várias notabilidades, porque, ao contrário das estrêlas... chocar-se-iam umas nas outras e o público — julgam elas — não distinguiria nenhuma.

Não obstante estes precalços é óbvio admitir que se há de chegar por eliminação, por impulsos de progresso, dada a impossibilidade manifesta de reunir grandes actores, á factura de uma peça em que se combine a música e mais recursos de apoteose, sem que ela se pareça com ópera, mágica ou quaisquer outras do género propiamente musicado.

Dest'arte poderemos supôr uma *féerie*, com um poema dramático, relativamente curto, variedade de quadros, prestando-se, cada um de por si, á colaboração independente de música superior e, em conjunto, tendo uma maquinaria admirável, combinação de luzes e até o auxilio do animatógrafo. Assim, a parte poética emotiva, violenta mesmo, seria totalmente separada da música, que nos começos, nos finais, ou no meio dos actos, desempenhando um papel, por seu turno, autónomo, prepararia o espirito do público para seguir, depois elevado e sugestionado, os diferentes quadros luminosos, decorativos, apoteóticos, consoante o desenrolar da acção.

*
* *

A ligeira análise sôbre o movimento teatral contemporâneo nos diversos países, traduz necessáriamente o ponto de vista em que se colocaria um dramaturgo precupado com a forma que satisfizesse, pelo menos, uma parte das aspirações modernas. Mas, conquanto o esbôco dessa reforma não possa sair do esfôrço isolado de um só indivíduo, por maiores que sejam os seus méritos, — as bases da obra definitiva, fundamental, podem apenas, pressentir-se em traços de realização.

Conciliar um grande pensamento com a maior emoção dramática é já uma tarefa de largo alcance, mas juntar-lhe a belesa e a utilidade social é acertar quase no objectivo do teatro do futuro.

De ordinário, que vemos nós no velho edifício da moral da sociedade? O triunfo rápido e indiscutivel das mentiras, a luta, cada vez mais infrene, dos que defendem a coexistência delas contra os idealistas que sonham novas soluções.

O egoismo é a lei da vida, como disse G. Le Bon, e tudo quanto não assentar nêsses alicerces parece não ser um fundamento, mas apenas, um incidente. Por consequência, o próprio amôr, que tem servido para poetizar tantos incitamentos, guerras e carnificinas e que, como um santelmo no meio das tempestades, indica ao homem um porto de salvamento, deixaria de ter, no fundo, êsse egoismo, se lhe quebrassemos as arestas do interêsse pelo qual a maioria se move, agita e padece.

Porque há de então a obra d'arte só reflectir os transes da loucura (aqui sinónimos de heroicidade) do homem que, para lograr o amor da mulher, atravessa todos os episódios que constituem o drama repetido, constante e eterno, sendo certo que o seu exemplo não frutifica, porque ele é sempre esmagado, — é sempre a vitima? A moral artística não tem feito senão destes calvários. Dos he-

rois, dos idealistas fez os menos aptos, porque os obriga a sucumbir, afim de haver emoção dramática. Dir-se-ia que a heroicidade é irmã gêmea da catástrofe!

Ora devemos colocar os herois noutro plano. Nenhuma das minhas personagens foi ainda aniquilada (dramaticamente falando, bem entendido) por causa das suas ideias: todas subsistem, vivem, para o triunfo absoluto e definitivo delas.

Não quere isto dizer que regressemos ao neo-romantismo, fazendo que o principio do bem aniquile o do mal. O romantismo fazia quase sempre derivar êsse triunfo moral da intervenção do sobre-natural, ao passo que, modernamente, só pode admitir-se o determinismo, — o que é diverso.

Porque é que certas peças, como o *Pai*, de Strindberg, nos deixam no final uma impressão de fadiga ou de esmagamento? Porque nelas não há mais do que o espelho ou a representação do mau, do repelente, do nocivo aos interesses e conservação da espécie humana. Que é *Oswaldo* dos *Espectros* senão a miséria fisiológica? A repulsão que o higido tem ao mórbido não carece daquela demonstração: — é instinctiva, lógica, humana.

Para uma literatura construtiva convirá, decerto, procurar temas ou conflitos, soerguendo espíritos eleitos, exactamente como nas revoluções, em que, de ordinário, surgem homens superiores que as justificam ou consolidam. O contrário é a negação da vida e da verdade.

Se toda a gente procura viver dentro da vida, com as suas ideias, lutando e sofrendo por elas, como ha de sucumbir o heroi que as personifica? E' que todas as ânsias teem um termo que, no indivíduo, é o descanço ou a morte, mas, nos símbolos das ideias, nos representantes do agregado, - há que dar-lhes maior vida, maior belesa. As personagens que sucumbem serão, talvez, interessantes nas óperas, porque morrem a cantar, mas num drama moral, humano e forte, não o podem ser. A lógica deste prin-

cipio do aniquilamento levar-nos-ia a dizer dos herois, que tudo fizeram pela vida, pela melhor aspiração dela, parafraseando o que se diz dos cães danados: — *mata que é heroi!*

Teremos que ir buscar a cada um dos filósofos maiores o que há de mais positivo e de mais útil para a conservação da vida à superficie da terra. Nietzsche será um dos que convem parafrasear.

E' necessário desenvolver e proclamar o triunfo absoluto dos mais fortes, dos mais belos, dos mais úteis, para que subsistam, para que as suas ideias fecundem. Deste modo, o novo Prometeu irá escalar o céo, não para lhe roubar o fogo sagrado, mas para espalhar, sobre a terra, a semente filosófica da melhor vida entre os homens.

Dezembro de 1916.

AFFONSO GAYO.

DISTRIBUIÇÃO

José do Monte (Lêndea)........ *Ignacio Peixoto*
Ricardo........ *Pato Moniz*
Tadeu........ *Joaquim Costa*
Antonio do Souto........ *Erico Braga*
Francisco........ *Edmundo Mottilli*
Pedro........ *Carlos Shore*
Advogado........ *Augusto de Mello*
Maria do Rosário........ *Palmyra Torres*
Quitéria........ *Lucinda do Carmo*
Mafalda........ *Rosina Rego*
Josefa........ *Lina Pato Moniz*
Isabel........ *Rosa Cêrea*
Joaquina........ *Mariana de Figueiredo*

(Camponeses, camponesas, policias, povo, etc. A acção desenrola-se, na actualidade, nos arredores de Leiria)

ACTO PRIMEIRO

Um pátio e trazeiras de uma casa, rés-do chão e primeiro andar, do qual parte uma escada praticavel A escada liga-se a uma varanda, correndo de um a outro lado da scena e com portas para o interior. No rés-do chão há uma porta, ao fundo, e mais duas á direita. Do primeiro plano da direita, prolongando-se até á varanda, o muro alto de um jardim contiguo, cuja parte superior está debruada de trepadeirao e de flôres, tendo tambem alguns cordeis para estender roupa do lado do pátio. Ao meio da scena, uma cisterna com pia de pedra para lavar. Alguns bancos de pinho, tôscos. E' de tarde.

SCENA I

MAFALDA E LÈNDEA

MAFALDA

(*Lavando na pia*) Vê se te mexes d'aí, ó trambolho! Tira mais um balde d'agua. (*Transição*) Não mereces o pão que comes...

LÈNDEA

(*Sentado á D. como que absorto, desperta ao ouvir estas palavras*). Manda quem pode, mas vocemecê não me dá uma côdea, nem era do meu agrado dever-lhe êsse favor. (*Indo á cisterna, devagar*)

MAFALDA

(Agastando-se) Olha que o meu pão não tem pêco nem peçonha, ouviste?

LÊNDEA

(Tirando água da cisterna) Pois sim, vá conversando...

MAFALDA

Que é lá isso?...

LÊNDEA

(Como acima) Não há trôco, percebe?

MAFALDA

(Irónica) Sim... que tu a respeito disto .. *(Gesto indicando dinheiro)*

LÊNDEA

(Como acima) Ainda não lhe cobicei o que vocemecê tem... *(Gesto de quem não quere falar)* Mas o melhor é calar-me...

MAFALDA

Desembucha! Não tenhas papas na língua... Se não me amedronto de quem me rosna de ilharga, muito menos de ti, que não dizes coisa com coisa!

LÊNDEA

E' consoante... Tambem adrégo de acertar, quando quero.

MAFALDA

Diabos me levem se eu te entendo!...

LÊNDEA

As minhas falas não teem muito que entender: — agora as suas...

MAFALDA

Estás um doutor!

LÊNDEA

Para conhecer as suas manhas, não é preciso ir a Coimbra.

MAFALDA

Não passas de um... *Detem-se*) Tola seria eu se te désse trela!

LÊNDEA

Com o meu pouco juizo me vou governando sem fazer vergonhas...

MAFALDA

Que queres dizer na tua?

LENDEA

Nada... E' geito de falar. Cada um é como Deus o fez. Antes me quero com estes trapos (*Mostrando-se de alto a baixo*) do que com o oiro que vocemecê traz nas orelhas...

MAFALDA

(*Com escárnio*) Estou a gostar do teu arrazoado!...

LENDEA

Não me dá vergonha o que digo, ao passo que os seus conselhos deitam a perder as mulheres que lhe dão ouvidos. . Entendeu agora?

MAFALDA

Querem ver que tambem te desencaminho! Ora o pateta!

LÊNDEA

Vocemecê lá sabe a quem as faz... (*Em ar de ameaça*) Mas eu que a lobrigue a azoinar os ouvidos de alguma pessôa da minha estimação!

MAFALDA

Eras capaz de me dar açoites?

LÈNDEA

Fôsse que não fôsse!

MAFALDA

Escuzas de te amotinar, que não tens por quem acudir. Os teus parentes não se envergonham... (*Com desprezo*) Até já quem não tem eira nem beira, quer ser alguem!

LÈNDEA

Em ar de ameaça) Sr.ª Mafalda! Sr.ª Mafalda!

SCENA II

As mesmas e MARIA DO ROSÁRIO

MARIA

(*Assomando à varanda, ouve as últimas palavras*) Lá estão os dois á bulha. Cão e gato, não podem emparelhar! (*Desce as escadas, trazendo na mão um pedaço de renda*)

MAFALDA

(*A Maria, enquanto ela desce*) Alma tão leve e de tanto melindre, nunca vi!

LÈNDEA

A sua é mais pesada, mas o diabo que a merque...

MAFALDA

(*Vivamente, a Maria*) Não o ouve, menina? Depois não diga que sou eu!

LÈNDEA

(*A Maria*) Deixe-a falar...

MARIA

Deixo, isso é que eu deixo. Não me quero meter na contenda.

MAFALDA

(*A Maria*) Não é caso de 'tanta monta...

MARIA

(*A Mafalda*) Bom. Já acabou de lavar tudo?

MAFALDA

(*A Maria*) Só falta esta... (*Aponta a roupa da cêlha*) A outra já está a enxambrar.

MARIA

(*A Lêndea*) Déste a ração aos animais?

LÊNDEA

(*A Maria*) Não me esqueci, menina... (*Indo á D. devagar, sai olhando demoradamente para Mafalda*)

SCENA III

As mesmas menos LÊNDEA

MAFALDA

(*Após um curto silêncio*) Com que, então, sempre é certo que amanhã chega o Ricardo?

MARIA

(*Lavando um pedaço de renda*) Assim parece.

MAFALDA

(*Afavel*) A menina não cabe no seu contentamento!

MARIA

E' como diz, tia Mafalda.

MAFALDA

Gosta dêle! — é natural... A gente, quando quere a uma pessôa, não dá ouvidos a mais nada. E, ás vezes, contra os nossos próprios interesses...

MARIA

Nem é mister.

MAFALDA

(*Com intenção*) Mas a menina nada perdia com esperar... pelo contrário, talvez lucrasse com isso! Com êsse palminho de cara, que Deus lhe deu, qualquer rapaz fica logo pelo beicinho...

MARIA

Falta aqui um homem, nesta casa, para tomar conta do pouco que tenho.

MAFALDA

Ora, está muito nova! Não tenha pressa... (*Transição*) Ah! que se eu voltasse hoje a ser uma rapariga, não caía na tolice de dar o nó! Vê-se a gente amarrada para toda a vida sem, ao menos, poder desenvencilhar-se! O mundo dá muita volta e a nossa cabeça tambem muda de pensar...

MARIA

Nas minhas condições havia de fazer o mesmo...

MAFALDA

Não me cheira... No caso de ser mais do que um a gostar de mim, botava-me a escolher, porque não deve haver freimas nestas coisas... (*Transição*) E depois a menina bem sabe que não é Ricardo o único enfeitiçado...

MARIA

(*Contrariada*) Lá volta vocemecê á mesma. Tenho-lhe dito e repetido que não quero ouvir falar mais dêsse homem. Se êle soubesse a raiva que me dá, não andava a todo o momento, a espreitar-me ali do muro. (*Aponta a E*) Não sou senhora de lidar no pátio sem o ver, a seguir-me, com os olhos, em todas as vóltas que dou. Chega a ser de mais!

MAFALDA

(*Com subtileza*) E quere-lhe mal por isso!?

MARIA

(*Admirando-se*) Vocemecê ainda o defende?

MAFALDA

Eu não o defendo; tenho dó dêle, assim como me compadeço de todos que trabalham por aquilo que não logram! E' muito boa pessôa, diga-se em abono da verdade. (*Transição*) Eu bem sei que a menina não olha a fidalguias; mas tomaram muitas merecer-lhe o agrado...

MARIA

Que o guarde lá para as da sua igualha!

MAFALDA

Bem se vê que o não conhece! Aquilo é a joia dos rapazes. Muito esmoler, bem falante, dando-se com todos, sem impostura. Ninguem dirá, ao vê-lo assim tão dado, que fidalguia ali está!

MARIA

(*Vivamente*) A tia Mafalda esquéce-se de que está falando comigo? Não me queira ver forçada a lembrar-lh'o!

MAFALDA

(*Vivamente*) Credo! Deus me defenda! Eu era lá capaz de dizer ou pensar o que não fôsse para o seu bem!

Quero-lhe tanto como a uma filha que eu tivesse; mas isso foi coisa para que Deus nunca me deu geito...

MARIA

A's vezes não parece...

MAFALDA

São modos de ver... (*Transição*) Devo á menina muitas obrigações e não me esqueço. Mas cuidava que, por falar com o coração nas mãos, e com experiencia da minha idade, não me levaria a mal...

MARIA

(*Atalhando*) Escuto sempre os conselhos das possôas mais velhas mas, nêste caso, quero só ouvir o meu coração.

MAFALDA

(*Vivamente*) Ai, ai é que me doi!... O coração nem sempre nos fala verdade. Se assim fôsse, não haveria tanta desgraça por êsse mundo!

MARIA

Mas onde quere vocemecê chegar? Que tem que dizer do meu Ricardo?

MAFALDA

Eu? Nada! Entendo que êle, sendo bom moço, é pobre... Depois, a menina póde encher-se de filhos e o coscorrinho da tia Quitéria não dá para tudo...

MARIA

Há de ser como Deus fôr servido. O que eu lhe afianço é que o não tróco por outro que seja rico.

MAFALDA

(*Sorrindo*) E' mesmo uma rapariga simples a falar! Ele há lá nada melhor do que o dinheiro! Ainda não se

inventou coisa que se lhe compare! Quando eu tinha os meus vinte anos, tambem pensava dêsse modo: mas desenganei-me...

MARIA

Cada um sabe de si.

MAFALDA

Oxalá a menina não tenha de que se arrepender! Desprezar a sorte, que uma vez se encontra no caminho, não é de bom agoiro. (*Lèndea assoma á D.*) E dizer que êle é um rapaz com tudo quanto é bom!...

MARIA

(*Com gravidade*) Oiça, tia Mafalda, — se quere continuar a vir a minha casa, não volte a semelhante assunto. (*Indo ao encontro de Lèndea*).

SCENA IV

As mesmas e LÈNDEA

LÈNDEA

(*A Maria, á porta da D.*) E' preciso acarretar água?

MARIA

E'. Mas primeiro tens que fazer outra coisa. Anda comigo. (*Sai pelo F. com Lêndea*)

SCENA V

MAFALDA e ANTÓNIO DO SOUTO

ANTÓNIO

(*De cima do muro da E., em voz de surdina para a scena*) O' Mafalda! O' Mafalda!

MAFALDA

(*Atenta na voz e vai á E.*) Deixe-me cá, senhor dom António! A moça está como um cardo bravo! O negócio tem dente de coelho... (*Olha, de quando em quando, para os lados*)

ANTÓNIO

O que tu não queres é confessar que não sabes tratar disso!

MAFALDA

(*Vivamente*) O' senhor dom António, não me diga tal, que até me ofende! Ninguem me leva as lampas nestas empresas. Está custosa de vencer, mas hei de abranda-la...

ANTÓNIO

Pelo geito que toma, estou vendo...

MAFALDA

Tudo se quere com vagar e tino. Fique descansado. Não se hada arrepender por esperar...

ANTÓNIO

Mas, ó mulher, amanhã chega o Ricardo!

MAFALDA

Isso é que eu não posso impedir. Mas o resto é comigo...

ANTÓNIO

Estou farto de te ouvir o mesmo e, afinal, pouco adiantas! Eu agora quero levar as coisas por outra forma mais decidida.

MAFALDA

(*Vivamente*) Que vai fazer?

ANTÓNIO

Abalar d'aqui com ela E' mais seguro e rápido.

MAFALDA

Não faça tal tem muitos perigos e mete mais gente...

ANTÓNIO

Não importa.

MAFALDA

(*Pensando*) Se houvesse outra maneira...

ANTÓNIO

Talvez... fazendo-a adormecer... Mas isso não é para agora. Depois, se fôr preciso.

MAFALDA

Mas por hoje?!...

ANTÓNIO

E' bom que venhas todas as noites para junto dela. Cá tenho o meu plano. Tudo se há de arranjar sem dar muito nas vistas. Schiu! Aí vem gente... (*Desaparece...*)

SCENA VI

MAFALDA, LÊNDEA, depois TADEU e QUITÉRIA

LÊNDEA

(*Entrando pela D. de cântaro ao ombro vê Mafalda a olhar para o muro*) Olá, temos paleio com a visinhança?! A modos que... (*Indo á cisterna*).

MAFALDA

(*Atalhando*) Que tens que implicar? (*Estende roupa nos cordeis*)

LÈNDEA

(*Tirando agua da cisterna*) Tenho que vocemecê não anda aqui por boa...

TADEU

(*Assomando á porta do F., a Lèndea*) O' Zé! A Mariquinhas? (*Entra seguido de Quitéria que traz uma meada de algodão*)

LÈNDEA

(*Apontando á D.*) Está ali no celeiro.

TADEU

(*A Quitéria*) Se fosse na adega!...

QUITERIA

(*A Tadeu*) Tambem é só no que o compadre pensa...

TADEU

(*A Mafalda*) Viva, sr.ª Mafalda! (*Lèndea sai pela D., com um cântaro*)

SCENA VII

As mesmas menos LÈNDEA

MAFALDA

(*A Tadeu*) Bôas tardes, sr. Tadeu! (*Acaba de estender a roupa, põe o alguidar á ilharga, indo ao F*)

TADEU

(*A Mafalda, vendo-a sair*) Vai-se embora sem saber a novidade?

MAFALDA

(*Retrocede, indo, um pouco, a Tadeu*) Novidade? Diga, diga!

TADEU

(*A Mafalda*) No domingo começam os banhos do casório da minha sobrinha.

MAFALDA

(*Desapontada, a Tadeu*) Ah! Não sabia... (*Sai pelo fundo*).

SCENA VIII

TADEU e QUITÉRIA

TADEU

(*Nas costas de Mafalda*) Parece que ela não gostou?...

QUITÉRIA

E' que, naturalmente, esperava outra coisa ..

TADEU

(*Alegremente*) Eu é que estou contente e deserto por bailar na bôda e comer do bôlo! (*transição*) Bailar, é modo de dizer...

QUITÉRIA

(*Sorrindo*) Tambem me parece...

TADEU

Por não bailar, ao menos hei de beber...

QUITÉRIA

Disso, estou eu mais convencida...

TADEU

(*Olhando em volta e sentando-se num banco*) Tanto pago eu por estar em pé como sentado.

QUITÉRIA

Lembrou bem. Chegue-se aqui para a minha beira.

TADEU

(*Sorrindo*) Para què?

QUITÉRIA

(*Desenvolando a meada*) Já lhe digo. (*Transição*) Estou arreliada, porque o meu rapaz não vem amanhã.

TADEU

Alguma questão de serviço? Aquilo da militança...

QUITÉRIA

Para que havia êle de sentar praça?

TADEU

Ora essa!? Pagar o seu tributo, como diz o padre-prior!

QUITÉRIA

Histórias...

TADEU

Todos lá devem ir, pois então...

QUITÉRIA

Isso diz o compadre, porque nunca teve um filho.

TADEU

(*Com intenção*) Dessa estou eu livre, graças a Deus...

QUITÉRIA

(*Sorrindo*) Tambem vocemecê deita tudo para mal...

TADEU

Para que há de a gente estar com lamúrias, que até fazem azia...

QUITÉRIA

O compadre leva a vida a cantar, não admira. Agora eu, que me tenho esfalfado para fazer do meu rapaz alguem, que tentei livral-o, por dinheiro, daquela maldita vida... Is o tudo sem um homem em casa!

TADEU

E o que lhe falta agora? Vê-lo casado. Abençoadas canseiras... (*Transição*) E a noiva? Não digo isto por ser minha sobrinha, mas está uma cachopa galharda! Não é verdade?

QUITÉRIA

Sim... Não digo que não... E' boa moça... (*Transição*) Ora faça favor de abrir as mãos. (*Mete a meada nas mãos de Tadeu*) Vá .. Vá com geito, estenda esses braços... Assim... Assim...

TADEU

(*Enfiando a meada*) O' comadre, aqui para nós, que ninguem nos ouve...

QUITÉRIA

(*Sorrindo e atalhando*) Lá vem alguma das suas...

TADEU

(*Chalaceando*) Cada vez que me lembro que o atilhado podia ser meu filho .. Sim, que isto de padrinho não é a mesma coisa....

QUITÉRIA

(*Fazendo um gesto com a mão*) Tire lá o cavalo da chuva! (*Transição*) Segure bem, abra os braços. Já lhe disse. Os homens não teem mesmo préstimo para nada...

TADEU

(*Como acima*) Quê? Eu não me atrevia... Eu não era capaz?... Vocemecê é que não quiz .. Depois, veio o outro e eu fiquei a chuchar no dêdo... Mas, se èle não aparece... digo-lhe que a comadre tinha aqui um homem...

QUITÉRIA

(*Sorrindo*) Do que vocemecê se foi lembrar!

TADEU

E daquela vez, (isto já lá vai um bom par de anos) pelo verão de São Martinho, quando eu lhe furtei um beijo... Por sinal...

QUITÉRIA

(*Atalhando e rindo*) Que apanhou um tabefe!

TADEU

E' verdade! Que grande estalada! Mas, tambem, se não adréga de passar, nessa ocasião, um rancho da azeitona... ó comadre, a coisa havia de ser falada. (*Rindo*) Hein?

QUITÉRIA

Està muito enganado! Se o compadre se atrevesse comigo, não levava a melhor...

TADEU

Um homem, quando quere a uma mulher, tem o dòbro da fòrça. E, se eu a tivesse agarrado com ralé, não sei qual dos dois...

QUITÉRIA

Não se vence uma mulher com duas razões; vá-se com esta! Não me venham cá com indróminas... Só pela fòrça, nem mesmo com uma fracalhona como a Maria do Rosário! Eu nunca tive mèdo de que alguem fizesse pouco de mim.

TADEU

(*Sorrindo*) Não vale zangar!...

QUITÉRIA

E' modo meu. (*Transição*) Vá, mexa esses braços... vire-se para cá.

SCENA IX

As mesmas e MARIA DO ROSÁRIO

MARIA

(*A' porta da D., para dentro*). Agora, não é preciso mais. Deixa ficar. Depois faz o mesmo ao outro. (*Indo a Quitéria e indicando Tadeu*) Como vocemecê conseguiu prender o tio é que eu me admiro!

QUITÉRIA

(*A Maria*) Então, êle não havia de servir de dobadoira? E' para que os homens prestam! (*Sorrindo*)

TADEU

(*Sorrindo*), Agora, se lhe parece, diga mal ainda por cima! Depois de estar servida! (*A Maria*) Pega tu aqui, que já me doem os braços e dá cá um beijo em trôca de uma bôa nova...

MARIA

(*Sorrindo*) Já sei qual é!... (*Dá-lhe um beijo*)

TADEU

(*Beijando Maria*) Não sabes...

MARIA

(*Vivamente*) Não sei? Então, lá vai: — na missa de domingo começam os pregões...

TADEU

Quem t'o disse?

MARIA

A ama do senhor padre-prior que, neste instante, esteve a falar comigo!

QUITÉRIA

Pois eu tambem trago uma novidade, que não é de apetecer.

MARIA

(*Vivamente*) Aconteceu alguma coisa ao Ricardo?

QUITÉRIA

(*Acabando de dobar a meada*) Não é de cuidado, mulher.

MARIA

Mas para vocemecê não dizer, faço ideia... (*A Tadeu*) Sabe meu tio?

TADEU

Descansa, que não é morte de homem. O Ricardo tem demora.

MARIA

Mas porque, tia Quitéria? Não está despachado daquela vida?

QUITÉRIA

Sossega. O teu noivo agarrou um castigo e não vem amanhã.

MARIA

Êle escreveu-lhe?

QUITÉRIA

Não. Foi um portador de Leiria que esteve aí, no mercado, e me contou.

MARIA

Alguma falta grave?

QUITÉRIA

Parece que não. . (*Transição*) Olha, se queres que te diga, eu nem compreendi bem as explicações que o homem me deu. Fiquei logo transtornada da cabeça!

MARIA

Que seria?

QUITÉRIA

(*Pensando*) Espera, Espera... Bateu pancadas num companheiro. Agora me recordo. E' isto... sim!

TADEU

(*Vivamente*) Aí, valente. E' cá dos meus!... Quando é preciso chegar a roupa ao pèlo...

MARIA

Crédo! Vocemecê não sabe que aquilo lá, é mais sério!

TADEU

Êle não havia de bater no outro sem razão. Deixa lá, não te apoquentes... (*Sorrindo*) São mais uns dias de espera...

QUITERIA

Quem mandaria aquele rapaz meter-se em semelhante vida! Eu cá é coisa com que não posso. Não está mais na minha mão. Só de ver tropa me encanzino. E andei eu a ralar-me para que êle não fôsse!

TADEU

Eia! o que aí vai!...

QUITÉRIA

E' como digo: cria uma mãe um filho com todo o carinho para um belo dia, quando êle tem algum prèstimo, o virem buscar!

TADEU

Mas o afilhado foi por sua livre vontade. Se êle tivesse ido ás sortes, talvez ficasse livre! ..

QUITÉRIA

Isso tambem é uma história. Vocemecê bem sabe que os filhos dos pobres nunca escapam. Lá como eles arranjam as coisas não sei; mas é assim! Eu é que, não me fiando em cantigas, fui ajuntando dinheiro para o não ver partir.

TADEU

E não foi melhor assim? Agora, aí tem o rapaz com a resalva e o dinheiro fôrro.

MARIA

Mas êle não escrever!...

QUITÉRIA

Teve vergonha de confessar que o castigaram. Não se explica de outra maneira.

MARIA

De todos os modos, a gente vinha a sabel-o!

TADEU

E' ter paciência. Coração ao largo! A bòda ha de fazer-se no dia marcado. (*Com intenção, a Maria*) Tens pressa? Percebo!... (*Mafalda assoma na varanda, mas não ouve a conversa até certa altura*)

SCENA X

As mesmas e MAFALDA

QUITÉRIA

Escreve-lhe tu, Maria.

TADEU

Não lhe mandem dizer nada.. O seu verdadeiro castigo é estar estes dias sem ver a noiva. (*A Maria*) Não é verdade?

QUITÉRIA

E d'aí pode ser que amanhã venha carta pelo correio!

TADEU

E' melhor fingir que não se sabe de nada, quando êle vier...

MAFALDA

(*Indo a Maria*) Lá em cima está tudo pronto.

MARIA

(*A Mafalda*) Já conversàmos.

TADEU

(*Vivamente*) O' c'os demónios! São quase horas de dar as Ave-Marias! Com a conversa, ia-me passando. (*Sai pelo F.*)

SCENA XI

As mesmas menos TADEU

MARIA

(*A Mafalda*) Quere receber os seus dias?

MAFALDA

Não é pressa. Amanhã ou depois.

QUITÉRIA

E eu vou-me até casa. (*Indo ao F. retrocede, a Maria*) Olha lá.

MARIA

(*Indo a Quitéria*) Que é?

QUITÉRIA

(*Baixo, a Maria*) Ali o fidalgo, o vizinho, já alguma vez se meteu contigo?

MARIA

Não. Mas porque me pregunta isso? Vocemecê chegou a pensar!?

QUITÉRIA

E' por causa de uns zun-zuns a que não dei crédito, já se vê, porque isto foi preguntar, mais nada. Êle tem fama de marôto e confiado. Não admira que se adiantasse... Não era a primeira vez... porque o tem feito a outras.

MARIA

(*Com firmeza*) Mas eu não lh'o consentiria!

QUITÉRIA

Fala mais baixo. Escusa essa mulher de perceber.

MARIA

Pela minha parte, não tenho dado motivos para tal...

QUITÉRIA

(*Atalhando*) As más línguas são léstas em botar aleives. Por isso toda a cautela é pouca. Como tua amiga te previno para que te ponhas de sobreaviso. (*Alto*) Até logo. (*Sai pelo F.*)

SCENA XII

As mesmas menos QUITÉRIA

MAFALDA

(*Depois de Quitéria sair, fazendo-se muito interes-*

sada) Sucedeu alguma coisa? Ia jurar que a menina tem o parecer transtornado

MARIA

(*Bruscamente*) Não é nada; não é nada...

MAFALDA

(*Com subtileza*) Pareceu-me que tinha ficado apoquentada com a conversa da tia Quitéria... Desculpe a pregunta, mas...

MARIA

(*Vivamente*) E' o resultado das bisbilhotices e mexericos, entende?

MAFALDA

(*Com subtileza*) Eu não percebo nada!

MARIA

Não é dificil de conjecturar. Se não fôssem os atrevimentos do fidalgo, escuzava eu agora de andar na bôca de intrigas. O que êle precisava sei eu...

MAFALDA

Pois eu, no seu caso, botava isso para trás das costas. Se vai dar atenção ao que se diz, não ganha para atribulações.

MARIA

(*Sacudindo os pensamentos*) Bem, bem. Venha daí para lhe pagar os seus dias.

MAFALDA

(*Vivamente*) Não é sangria desatada! (*Com intenção*) Eu queria vir por cá esta noite... para a menina me ensinar uns pontos de *crochet*...

SCENA XIII

As mesmas e Lèndea

Lèndea

(*A' porta da D.*) O' menina, pode chegar aqui?

Maria

(*Indo á D.*) Que é? (*Mafalda aproveita a ocasião de Maria estar de costas para olhar para a E.*)

Lèndea

(*Dentro*) Fica bem assim?

Maria

(*A Lèndea, para dentro*) Chega êsse mais para o lado.

Mafalda

(*A Maria*) Não quere nada de mim?

Maria

(*A Mafalda*) Agora, não.

Mafalda

(*A Maria*) Nêsse caso. até logo, sim?... (*Sai pelo F.*)

SCENA XIV

Maria e Lèndea

Lèndea

(*Entrando da D.*) Ainda bem que já se foi a lambisgoia...

Maria

Tambem não a vês de bom grado!

LÊNDEA

Não é boa rês. Cá por mim, tenho que ela anda aqui a empestar o ar.

MARIA

Porque dizes isso?

LÊNDEA

E' cá um parecer meu. O diabo o jure.

MARIA

Mas... se tens algum fundamento!

LÊNDEA

Isso quizera eu ter! Até lhe torcia o pescoço.

MARIA

(*Sorrindo*) Eia, o que aí vai!

LÊNDEA

E' que sou capaz de me atrever seja com quem fôr, quando se trata da menina. Soubesse eu que alguem lhe quere causar dano!

MARIA

(*Com bondade*) Sei que és meu amigo e não me esqueço de que a tua mãe me deu de mamar!

LÊNDEA

Eu para nada sirvo, mas para a menina tenho outra alma, — se tenho! «Nem sei dizer... Agora até o que se passa com o seu casamento.»

MARIA

Que é?

LÊNDEA

E' cá uma coisa...

MARIA

Dize lá, não te acanhes.

LÈNDEA

Depois da menina casar não me hão de querer aqui, em casa... (*Choraminga*)

MARIA

(*Compadecida*) Então que é isso, José?

LÈNDEA

E' uma dòr... O seu Ricardo não há de estar por isso!

MARIA

Mas quem ajuda a tratar minha mãe naquele estado? E's tu que a levas, de carrinho, a passear. Valha-te Nossa Senhora! Como irmão te considero e estimo. Contigo brinquei em pequena; desde que me conheço te vejo ao meu lado! (*Transição*) José, tu ficarás em minha casa!

LÈNDEA

Nem a menina imagina a consolação que me dá! Eu tambem lhe quero muito, muito... Não tenho já ninguem neste mundo, e a gente precisa de querer a alguem, não é verdade? (*Transição*) Fiquei tão alegre agora que, se não me levasse a mal, mostrava-lhe uma coisa que merquei, há pouco, no mercado.

MARIA

(*Sorrindo*) Deixa ver!

LÈNDEA

(*Hesitando*) Tenho vergonha de dizer o que é...

MARIA

Então, para que falaste nisso?...

LÊNDEA

A menina tem sempre razão. (*Tira da algibeira duas sinas: uma verde e outra encarnada*)

MARIA

(*Pegando nas sinas*) Compraste duas sinas?

LÊNDEA

Uma é para a menina, outra para mim. Olhe, esta é a sua. (*Aponta a verde*) O homem disse-me que a verde era a sua. Eu não sei ler!

MARIA

Tens muita fé nisto?

LÊNDEA

(*Encolhendo os ombros*) Eu cá por mim... Mas veja a menina a sua. Foi um passarinho cego que a tirou com o bico.

MARIA

E por isso tu acreditas? (*Sorrindo*)

LÊNDEA

Não sei. Ora faça favor de ler.

MARIA

(*Lendo*) Aquela que tirar esta sina, há de chamar-se Maria...

LÊNDEA

(*Atalhando com grande alegria*) Vê, vê como diz certo...

MARIA

Espera... vamos a ver o resto. (*Lendo*) Há de chamar-se Maria e, sendo amada por um homem, outro a perseguirá, resultando, por isso, a morte de ambos, vindo, afinal, a casar com aquele que não imagina. Será mãe de filhos, tendo uma velhice descansada. Viverá sessenta anos. (*Transição*) Olha se isto fôsse verdade!

LÊNDEA

A menina não acredita?

MARIA

O papel consente tudo quanto lhe queiram pôr... Queres vêr a tua?

LÊNDEA

(*Vivamente*) Quero, quero.

MARIA

(*Lendo*) O homem, que tirar esta sina, será vítima da sua dedicação. Há de ver-se e achar-se numa luta de amores que lhe acarretam muitos desgostos. Será amigo fiel do seu amigo e, ainda que mal compreendido, terá, afinal, a recompensa de todos os seus sofrimentos. Há de ter uma doença grave de que escapará por milagre. (*Transição*) Que te parece?

LÊNDEA

(*Pensativo*) Na verdade... (*Transição*) Tenha paciência, torne a ler aí uma parte que eu não entendi bem. Será... será...

MARIA

(*Atalhando*) Vítima da sua dedicação! E' isto?

LÊNDEA

E'. E o que quere dizer?

MARIA

Isto quere dizer que, por fazeres bem, hás de haver mal, entendes?

LÈNDEA

Mas, então, a gente por ser bom tem que sofrer?

MARIA

Pois sim, mas lá vem, no fim, a compensação!

LÈNDEA

Ao cabo a menina não acredita?

MARIA

Não acredito, nem deixo de acreditar!...

LÈNDEA

Tambem eu. (*A scena escurece um pouco*)

MARIA

(*Vivamente*) Ai, José, que é noitinha! Tens que ir buscar petrólio, que se acabou. De caminho, passas pela tenda da tia Quitéria para trazeres uma torcida. Ela sabe qual é. Na volta, vens por casa de meu tio para êle te dar uns papeis. Ouviste?

LÈNDEA

Se a menina tem pressa, vou primeiro pelo petrólio.

MARIA

Não, fazes tudo isso de uma vez. (*Lendea sai*)

SCENA XV

MARIA e ANTÓNIO DO SOUTO

(Logo que Lêndea sai, a scena escurece mais. Maria, indo á D., abaixa-se, tira de um cêsto um cãozito, examina-lhe uma ferida e depois de o acariciar, torna a pô-lo no seu lugar, detendo-se a olhá-lo, pronunciando: «cachorrinho! cachorrinho!». António do Souto, enquanto Maria faz estes movimentos, espreita-a do muro; depois deixa-se escorregar por êle, devagar, até pisar a scena, sem fazer ruido. Fica um momento indeciso, avança depois cautelosamente, escondendo-se por detrás da cisterna, protegido pelas sombras da noite. Dão as Ave-Marias no relojio da tôrre, cujas badaladas se ouvem como vindas do F. Então, ela ergue-se e, pondo as mãos, reza em silêncio. António, quando Maria vai a terminar a oração, galga, de um pronto, o espaço que há entre ambos, deita-lhe as mãos sôbre os ombros, colhendo-a, de surpresa, pelas costas. Maria, sentindo-se agarrada, luta com grande esfôrço para se defender, mas só consegue bradar abafadamente por socorro, porque António tapa-lhe a boca com um beijo, até que ela acaba por ficar desfalecida, percebendo-se que descai para dentro da porta da D. O pano desce rápidamente.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

Casa de Maria do Rosário. Ao fundo, esquerda, uma janela de sacada e, ao fundo direita, outra, de peito. Entre as duas janelas, uma cómoda, contendo um oratório com porta de vidro, dentro do qual se vêem vários santos, especialmente uma Virgem, alumiada por uma lamparina de azeite. De fóra do oratório, duas jarras ordinárias com flôres. Um pouco á esquerda, uma máquina de costura, de mão, colocada em cima duma pequena mesa. Perto dela uma arca encoirada, assente em dois pequenos cavaletes de pinho e tapada por uma coberta de chita, de quadradinhos de diversas côres. Na direita, entre duas portas, e em frente da escada para o rés-do-chão, de que se vê o corrimão, outra arca de pinho e um armário com loiças e vidros. Ao meio da scena, uma mesa quadrada que tem em cima vários objectos e uma cêsta de costura. Em volta dela, algumas cadeiras de pinho e outras de nogueira, com assentos redondos de madeira e pés lisos e afuseados. A' esquerda baixa, uma porta que dá para a varanda do pátio. E' de tarde.

SCENA I

QUITÉRIA E RICARDO

QUITÉRIA

(*De óculos nos olhos, costura sentada á mesa*) Enganas-te, já te disse. A Maria nada tem. E' que anda, talvez, amaleitada.

RICARDO

A mãe não reparou que ela, ao jantar, não abriu bico!

QUITÉRIA

Depois lh'o preguntarás. Deixa-me com a alegria de te ver ao meu lado, que já não era sem tempo!

RICARDO

Agora não sáio de cá. Sou paizano. E não havendo guerra ou coisa parecida...

QUITÉRIA

(*Vivamente*) Quê? Ainda tens que lá voltar?

RICARDO

(*Sorrindo*) Não se assuste. Só tenho que me apresentar uma vez em cada ano, como reservista. (*Maria entra pela D. B. com um cêsto de costura na mão, indo á cómoda que abre.*) Repare, repare. (*Indica Maria*)

SCENA II

As mesmas e MARIA

QUITÉRIA

(*Baixo, a Ricardo*) Acredita que é dos teus olhos. Não a consumas: deixa-a lá! Se fôr alguma coisa mais tal ou quê, ela não passa sem t'a dizer...

RICARDO

(*Como que falando consigo*) Nada! Aqui há, por fôrça, enrêdo. Hei de tirar-me dos meus cuidados.

QUITÉRIA

Deu-te agora isso na cabeça! Cuidas que me escapa um argueiro nos olhos de outra mulher?

RICARDO

Está bem; não falemos mais nisso...

QUITERIA

A prova vais te-la. (*Alto, a Maria*) O' Maria!

MARIA

(*Voltando-se, a Quitéria*). Não tardo ai; é um instante.

RICARDO

(*Baixo, a Quitéria*) Vai sondá-la?

QUITÉRIA

(*Baixo, a Ricardo*) Eu bem sei o que faço.

RICARDO

(*Baixo, a Quitéria*) Mas é melhor depois de eu sair...

MARIA

(*Indo a Quitéria*) Que me quere vocemecê?

QUITÉRIA

(*Afavel*) Que te sentes aqui. Não vens fazer serão?

MARIA

Vou primeiro espreitar se a minha mãe já dorme. (*Indo á D.*)

RICARDO

(*Baixo, a Quitéria*) Atentou bem?

QUITÉRIA

(*Baixo, a Ricardo*) Aí voltas tu á mesma...

RICARDO

(*Espreitando á E. B.*) Pareceu-me ouvir passos ali, na varanda.

QUITÉRIA

Deve ser o Lêndea. Quem havia de ser?

RICARDO

Ah! sim, não me lembrava.

MARIA

(*Indo a Quitéria*) Aqui me tem. (*Vendo que Ricardo faz menção de se retirar*) Vais-te, quando eu chego?

QUITÉRIA

Êle não pára um momento!

RICARDO

Vou a casa do padrinho.

MARIA

Não é preciso. Êle vem cá todas as noites! (*Indo á D.*) Até me admiro de que não tenha já aparecido!

RICARDO

Mas eu disse-lhe que passava por lá! (*Baixo, a Quitéria*) Quando eu sair, experimente-a...

QUITÉRIA

Mas... (*Detem-se ao ver que Maria se aproxima*)

RICARDO

(*A Quitéria*) A mãe ainda se demora por cá?

QUITÉRIA

(*A Ricardo*) Um nadinha. (*Ricardo sai pela E.*)

MARIA

(*Viramente, a Quitéria*) Ora essa! Não a deixo ir embora sem cear.

SCENA III

MARIA e QUITÉRIA

QUITÉRIA

Fica para a outra vez.

MARIA

Não se aumenta a panela por sua causa. Em vindo a Mafalda, já se trata do seu café, que eu sei que não passa sem êle.

QUITÉRIA

Não filha, obrigada. Não convem deixar por mais tempo, sozinha, a Josefa.

MARIA

Apesar de novinha, é uma boa criada que vocemecê ali tem.

QUITÉRIA

Tambem precisas de uma criada, porque isto de mulher a dias.

MARIA

Mas o pior não é isso... (*Faz um gesto com os dedos*)

QUITÉRIA

Ora, ora alguma volta se havia de dar. (*Transição*) Mas ainda agora reparo: estás com grandes olheiras! Que tens?

MARIA

(*Estremecendo*) Tenho-me sentido um pouco esquezita, quebrantada.

QUITÉRIA

Por isso o Ricardo notou o teu alheamento!...

MARIA

(*Como acima*) Êle disse-lhe alguma coisa?

QUITÉRIA

E até supõe outros motivos...

MARIA

Não sei porquê!

QUITÉRIA

Diz que te acha estranha, que te encontra não sei o quê! Mas eu não lhe dou razão.

MARIA

(*Vivamente*) Ainda agora eu lhe pedia para que não se fosse embora, que ficasse aqui ao pé de mim.

QUITÉRIA

Bem reparei. Eis o motivo por que não fiz mistério de te preguntar. E, uma vez que não é nada, com esta me vou. (*Levanta-se*)

MARIA

Então, mais um bocadinho. Não tenha pressa.

QUITÉRIA

Não, não, que são horas. (*Vendo Mafalda na D.*) Ai tens a Mafalda para te fazer companhia. Adeus. Até ámanhã. (*Beija Maria e sai*)

SCENA IV

MARIA e MAFALDA

MARIA

O José está lá em baixo, na cozinha?

MAFALDA

(*Com uma toalha de mesa na mão*) A toscanejar com sôno. Não tem outra vida!

MARIA

E vocemecê sempre de volta com o pobre rapaz!

MAFALDA

Se êle é um madraço!

MARIA

Não diga isso?

MAFALDA

Eu pouco falo do mofino e, se a tanto chego, è porque êle tambem não m'as poupa...

MARIA

(*Com intenção*) Terá vocemecê telhas de vidro?

MAFALDA

(*Vivamente*) Ora, não há! Levanto a minha cara aqui e em toda a parte! Mas vá uma alma de Cristo tapar a boca a pechosos... Se eu fosse má mulher, não andava a trabalhar por casa de um e de outro! A's linguas danadas não se responde. Eu cá não oiço, não vejo. Pronto!

MARIA

(*Como acima*) E' melhor é...

MAFALDA

Aqui, onde me vê, sei coisas... E olhe que, se eu badalasse!

MARIA

(*Estremecendo*) Ninguem lhe pregunta pela vida alheia!

MAFALDA

A menina já deve ter notado que eu não sou de levar e trazer... Só canto, quando quero. Agora se me picam, tenham paciência... A menina bem me entende!

MARIA

(*Contrariada*) Quero lá saber disso!

MAFALDA

Valha-me Santa Maria! Nem a gente pode já falar...

MARIA

Fale, fale á vontade...

MAFALDA

(*Com intenção*) Eu sou tão reservada... e a menina ainda se queixa!

MARIA

(*Estremecendo*) E' escuzado adiantar-se...

MAFALDA

(*Fazendo-se de novas*) Já vejo que estamos a confundir...

MARIA

Vocemecê é que se faz desentendida...

MAFALDA

Agora é que eu estou ás aranhas!... (*Entra Lêndea pela D.*)

MARIA

Então, se está, melhor!... (*Vendo Lêndea*) Pode ir tratar da ceia. (*Mafalda sai pela D. A.*)

SCENA V

MARIA e LÊNDEA

LÊNDEA

(*Vendo Maria sentar-se á mesa, tapando o rosto com as mãos e a soluçar*) Que tem, minha rica menina?

MARIA

(*Lacrimosa*) O que eu tenho é que sou muito desgraçada!

LÈNDEA

(*De olhos esbugalhados*) Alguem lhe fez mal? Quem foi? Aquela desalmada? (*Aponta o F.*)

MARIA

Ninguem... é sorte minha!

LÈNDEA

Então, porque chorava? (*Transição*) Pensa que eu não ando cá desconfiado?

MARIA

(*Sobresaltando-se*) De quê, José? De quê?

LÈNDEA

Prouvera a Deus que eu soubesse! (*Maria respira fundo*) Mas não se me tira da cabeça que a menina, á dias, a esta parte, tem grande pena. Não a vejo rir como dantes: encontro-a sempre alheada ou com os olhos vermelhos de chorar! (*Transição*) E quere crêr? — eu ponho-me tambem p'rá aí, a um canto, a scismar não sei em quê! A desejar que viesse o seu Ricardo para a ver sossegada!

MARIA

Não podes fazer ideia, José, não podes!

LÈNDEA

Eu não adivinho por mal dos meus pecados!...

MARIA

(*Como quem se recorda*) Ouve lá: — o Ricardo não te fez perguntas?

LÈNDEA

Que havia êle de procurar-me? O Ricardo bem sabe quem a menina é! (*Transição*) Não posso entender na minha o que isto seja; mas ia jurar que anda aqui obra de querer mal, — mau olhado ou tramas de bruxaria...

MARIA

(*Como que falando consigo*) Ah! que se não fôsse minha mãe, dava cabo de mim!...

LÈNDEA

(*Aflito*) Jesus! que está a menina a dizer?

MARIA

(*Com firmeza*) Digo-te isto, José!

LÈNDEA

Mas não vê que é estimada por todos? Que o seu Ricardo morre de amores pela menina?

MARIA

Logo lhe passava. Tudo esquece. Os homens são todos os mesmos... (*Detem-se*)

LÈNDEA

(*Vivamente*) Nanja eu! que, se a menina me faltasse, não queria saber mais esta vida!

MARIA

(*Com ternura*) Como tu és meu amigo!

LÈNDEA

Nunca ninguem me tratou como a menina. Todos teem para mim mau modo e más palavras. Quando era mais pequeno, moíam-me o corpo com pancadas. Se não fôsse recolhido em sua casa, já não era vivo!

MARIA

Coitado de ti!

LENDEA

E, desde então, comecei a adorá-la como a uma santinha. (*Transição*) Tanta vez tenho pedido a Deus que a faça feliz. Para mim tenho que o seu Ricardo há de estimá-la muito. E, depois, a menina gosta dêle!

MARIA

(*Vivamente*) Acreditas que èle me queira dêsse modo?

LENDEA

Pois não havia de acreditar!

MARIA

(*Aplicando o ouvido á porta da D. B.*) Escuta! Parece que a minha mãe me chamou. (*Como quem toma uma resolução*) Logo, antes de falar com Ricardo, quero abrir-me contigo e desabafar. Tu és como meu irmão; hás de saber aconselhar-me. (*Sai pela D.*

LÈNDEA

(*Pensativo*) Eu?

SCENA VI

LÈNDEA e MAFALDA

MAFALDA

(*Entra pela E. com uns pratos na mão*) Onde foi o Ricardo, não sabes?

LÈNDEA

Vi-o cortar direito á casa do tio Tadeu.

MAFALDA

Terá demora? Não te disseram se êle ceia com a menina?

LÊNDEA

(*Desconfiado*) Tanta pregunta! Que se importa vocemecê com isso?

MAFALDA

Não vês que talvez seja preciso mais um talher? Que tens que dizer?

LÊNDEA

Não sei nem é da minha conta. (*Sai pela D. A.*)

SCENA VII

MAFALDA e ANTÓNIO DO SOUTO

MAFALDA

(*De costas para a E., um momento depois de saír o Lêndea, volta-se, sustando um pequeno grito, ao ver António na porta da E.*) O' sr. dom António, por quem é!

ANTÓNIO

(*Entre portas*) Schiu! Não faças bulha!

MAFALDA

(*Atarantada e baixando a voz*) Se vem por aí o Ricardo. Ih! Jesus!

ANTÓNIO

(*Indo um pouco a Mafalda*) Eu bem o vi saír.

MAFALDA

(*Como acima*) Mas como chegou até aqui?

ANTÓNIO

Saltei do muro para a varanda. Não é das coisas mais dificeis...

MAFALDA

(*Como acima*) E' melhor ir-se embora. Póde haver alguma scena...

ANTÓNIO

(*Muito afoito*) Qual história! Tenho aqui para as surpresas... (*Aponta a algibeira*) Mas não é a isso que venho.

MAFALDA

O Ricardo póde voltar de um momento para o outro.

ANTÓNIO

Deixa-lo! (*Com intenção*) Eu chego sempre primeiro... (*Rindo*)

MAFALDA

Mas que intenta fazer depois daquilo?...

ANTÓNIO

Entender-me com ela. São duas palavras que lhe quero dar.

MAFALDA

Mas, se a Maria o vê aqui, é capaz de gritar... o que não convem.

ANTÓNIO

(*Com intenção*). Qual! não gritou da outra vez, tambem se calará agora... (*Transição*). Quem está lá em baixo?

MAFALDA

O Lêndea.

ANTÓNIO

Vai entrete-lo, que o resto fica por minha conta...

MAFALDA

(*Aflita*) Mas, por tudo quanto há, senhor dom António...

ANTÓNIO

(*Com intimativa*) Vai, anda!

MAFALDA

(*Indecisa, indo ao F.*) Toda eu tremo como váras verdes!

ANTÓNIO

Não te assustes por tão pouco...

MAFALDA

(*De mãos no ar*) Meu Deus! Meu Deus! (*Sai pela D. E.*)

SCENA VIII

MARIA e ANTÓNIO

MARIA

(*Entrando pela D. B. sem ver António, mas encarando-o depois*) O sr. atreve-se a vir aqui?

ANTÓNIO

(*Sorrindo e indo a Maria*) Escrevi-te duas vezes? — como não me respondeste, venho pessoalmente buscar a resposta...

MARIA

(*Levando as mãos á cabeça*) Mas... isto chega a ser de mais!... (*Entre dentes*) Sáia! (*Aponta a porta a António*)

ANTÓNIO

(*Rindo sardonicamente*) Mais devagar! Mais devagar! Então que é isso?...

MARIA

(*Exaltada, mas sem erguer a voz*) Rua... ou gritarei que é um ladrão!

ANTÓNIO

(*Como acima*) Tal não farás, por ti! E, ai dêle, se agora aqui entrasse! Metia-lhe uma bala nos miolos... E' preciso que saibas que venho disposto a tudo, a tudo, entende bem!...

MARIA

(*Dominando-se pelo terror*) Mas que quer de mim? Que lhe cuspa na cara o meu ódio, o meu desprêso?

ANTÓNIO

Ih! que palavras tão feias numa bôca tão bonita!

MARIA

Não me faça perder a paciência!

ANTÓNIO

(*Rindo de um modo especial*) Primeiro hei de dizer-te ao que venho. Depois não te zangarás tanto, queres apostar?

MARIA

Nada tem que me dizer! Tire-se da minha vista!...

ANTÓNIO

Não te faças tonta... Eu não sou tão máu como pareço... Dou-te tudo, tudo o que quizeres, mas não has-de casar com ele, sob pena...

MARIA

(*Rindo nervosamente*) Sob pena de quê?

ANTÓNIO

De lhe contar tudo! de lhe dizer que fostes minha...

MARIA

Mas Ricardo saberá como foi a infâmia!...

ANTÓNIO

(*Rindo irónico*) E tu imaginas que êle é tolo? Eu lhe farei vêr que foi por tua livre vontade! Como tu és ingénua! (*Transição*) Ainda gosto mais de ti por isso. (*Maria sente-se desfalecer e, António, percebendo isso, agarra-lhe as mãos*) Não quero que cases, que sejas dele; não casarás...

MARIA

(*Tentando desprender-se das mãos de António*) Deixe-me! Infame!

ANTÓNIO

(*Sem largar Maria*) Escusas de gritar que é pior! Evita um escândalo. É mais conveniente para ti!...

MARIA

(*Debatendo-se*) Havemos de vêr... (*Gritando*) José! José! Ricardo! Acudam-me!

ANTÓNIO

(*Sem largar Maria*) Não te largarei, ouviste? Não quero que sejas de outro, porque és minha! .. Entendes?

MARIA

(*Gritando*) Ricardo! José!

SCENA IX

As mesmas, LÊNDEA, MAFALDA e a voz de RICARDO

LÊNDEA

(*Aparecendo á D. A., mostra nos olhos espanto, depois ira e, de navalha em punho, precipita-se sôbre António*) Ah! cão danado!

MARIA

(*Interpondo-se entre António e Lêndea, ao qual se agarra*) José, que te desgraças!

LÊNDEA

(*Mordendo num pulso com raiva*) Deixe-me com aquele patife! (*Entra Mafalda pela E.*)

MARIA

(*A Lêndea*) Cála-te!

MAFALDA

(*A António*) Ó sr. dom António, pela sua saude!

A voz de RICARDO

Ó Maria, ó Maria!

MAFALDA

(*Aflita, a António*) Fuja! Fuja! Por ali! Fuja! *Aponta a E.*)

MARIA

(*Gritando para o F.*) Lá vou, lá vou!

MAFALDA

(*Como acima, a António*) Pelas cinco chagas de Cristo! Vá-se embora!

ANTÓNIO

(*Em ameaça, para Lèndea*) Quero ajustar contas com aquele panal de estêrco.

LÈNDEA

(*Crescendo para António, é agarrado por Maria*) Comigo?

A VOZ DE RICARDO

Ó Maria! chega aí, á porta!

MARIA

(*Indo um pouco ao F. D.*) Ai vou já...

ANTÓNIO

(*Em ameaça, a Lèndea*) Deixa estar, que não as perdes! Eu te ensinarei! (*Sai pela E. levado, até á porta, por Mafalda*)

LÈNDEA

(*Guardando a navalha*) Não serviu desta; talvez sirva para outra...

MARIA

(*Espreitando ao F. e fazendo sinal a Lèndea*) Nem uma palavra...

LÈNDEA

Fique descansada, menina.

MARIA

(*Baixo, a Lèndea*) Eu te contarei.

SCENA X

MARIA, LÊNDEA, MAFALDA, RICARDO

RICARDO

(*Entrando pela D. A., a Maria*) Que diabo estavas a fazer, que não me ouvias? (*Afirmando-se em Maria*) Tens cara de caso!

MAFALDA

(*Com subtileza, a Ricardo*) A menina sentiu-se, de repente, incomodada! Mas já lhe passou. (*A Maria*) Não é verdade?

MARIA

(*Com intenção*) Sim... jà passou...

RICARDO

(*A Lêndea*) Porque não me fôste chamar?

LÊNDEA

(*A Ricardo*) Para o que era bastávamos nós... (*Sai pela D. A.*)

SCENA XI

As mesmas, menos LÊNDEA e, pouco depois, TADEU

RICARDO

(*A Maria*) Mas que foi isso?

MARIA

Uma coisa que me passou pela cabeça... (*Senta-se numa cadeira*)

MAFALDA

Foi uma tontura que lhe veio de repente...

TADEU

(*Entra trazendo vestida uma opa branca e murça azul, pequeno barrete preto na cabeça e um saco de esmolas na mão*)

(*A Maria*) Já se vê que não é coisa de maior...

MARIA

Não se apoquentem, por minha causa.

TADEU

Tambem fazem de nada um bicho de sete cabeças!

MAFALDA

(*Indo ao armário*) A ceia está pronta.

MARIA

(*A Tadeu*) O' tio, sente-se! (*Dá-lhe uma cadeira*)

TADEU

(*A Maria*) Não te incomodes, pequena. Eu não me demoro. Venho de passagem.

MARIA

(*A Tadeu*) Não quere cear?

TADEU

(*A Maria*) Obrigado; já ceei.

RICARDO

(*A Tadeu*) Mas um copito marcha?

TADEU

(*A Ricardo*) Isso nem se pregunta...

MAFALDA

(*A Maria*) Quere mais alguma coisa de mim?

MARIA

Por hoje, não.

MAFALDA

Então, até amanhã. (*A todos*) Boas noites. (*Sai pela D.*)

SCENA XII

As mesmas menos MAFALDA

MARIA

(*A Tadeu*) Chá não lhe ofereço...

TADEU

(*Atalhando*) Deus me livre... Só de parreira!

MARIA

(*Sorrindo*) Tambem se arranja...

TADEU

Já cá tenho a minha conta. Nunca me emborrachei a um sábado; mas ainda hei de èxperimentar...

RICARDO

(*Rindo, a Tadeu*) Por causa da missa do domingo?... (*Baixo, a Maria*) Parece-me que èle já está .. (*Faz um sinal*)

TADEU

(*A Ricardo*) Pois então... A missa das almas é ás seis. Ninguem póde adivinhar até onde deita uma turca... E vamos que eu aparecia, de manhã, ao padre-prior, a cheirar a vinho!

RICARDO

O mais que poderia acontecer era vocemecê não acertar com o latim...

TADEU

Ora é um cantar! Em começando, aquilo até a lingua se desentaramela...

RICARDO

O cas é que, mesmo assim, vocemecê lá foi arranjando um taleigo a cogular de boas libras...

TADEU

O que posso eu ter? Uns patacos! A minha mulher, que Deus haja, não me deixou filhos, de modo que se forrar algum vintem... (*Sentando-se à mesa*)

RICARDO

Eu bem sei que não é tão pouco como vocemecê diz... Vamos lá!

TADEU

(*Atalhando*) O' maroto! queres ouvir-me em confissão?

RICARDO

(*A Tadeu*) Mas vocemecê é que não cai daí abaixo ..

TADEU

Tambem não seria grande a penitência... (*Transição*) Desconfio que o último copo, que nós bebemos, ali á do meu compadre, está de volta comigo! Tenho uma vontade de badalar!

RICARDO

(*Sorrindo*) Olhe que hoje é sábado!...

TADEU

Não me esqueço. Isto não tem maior aquela. Passa com outro copo em cima que é para assentar...

RICARDO

(*Atalhando*) Aqui está meio quartilho. (*Pega num cangirão*)

TADEU

(*Sorrindo*) Não me puxes pela lingua. Já sabes que sou um tagarela. Nunca dou parte de fraco, tanto a falar, como a beber...

RICARDO

(*Vasando um copo*) Então, não se faça rogado... (*Dá um copo a Tadeu que bebe*)

MARIA

(*Baixo, a Ricardo*) Não vês como èle está?

TADEU

(*Depois de beber*) Hein! que é isso? Que estão vocès p'r'aí a bichanar?

MARIA

(*A Tadeu*) Nada, meu tio.

RICARDO

(*A Tadeu*) Agora já tem a palavra molhada...

TADEU

(*Sorrindo, a Ricardo*) O que tu queres sei eu!...

RICARDO

(*Dando outro copo a Tadeu*) Não quero nada...

TADEU

(*Depois de beber*) Ainda te hei de contar como principiei a arranjar uns patacos.

RICARDO

Pois conte lá, sou todo ouvidos.

TADEU

(*Depois de pensar*) Ná!... (*Encolhendo os ombros*) Assim como assim...

RICARDO

Está bem de vêr... (*Oferece a Tadeu outro copo e Maria puxa pelo casaco de Ricardo*)

TADEU

(*Decidindo-se*) Queres ouvir? Pois lá vai. Nunca tive á mão uma burra onde afincasse a unha... nem coisa parecida.

RICARDO

Sim, tem vivido com os santos!

TADEU

(*A Ricardo*) Isso é que é verdade. Há santos generosos e santos forretas...

RICARDO

Aí está uma coisa que eu não sabia!

TADEU

E' como te digo. Na nossa igreja, há muitos santos e alguns teem os seus devotos de feição, mas nenhum dêles tão procurado como a Senhora dos Aflitos. Essa, sim; em volta do seu altar há sempre pessôas piedosas. Eu confesso que sinto pela santa um fatacaz, uma devoção mesmo cá de dentro!... (*Aponta o estômago*)

RICARDO

(*Sorrindo*) Porquê?

TADEU

(*Vivamente*) Porque há de ser? Porque é generosa...

RICARDO

Ena!

TADEU

Dantes era raro o dia em que não lhe encontrava moedas de prata e até de oiro, quando fazia a limpeza... Com os outros, isso era um acaso. Só me lembro que tal acontecesse uma ou duas vezes. Isto é o que se chama generosidade, não te parece?...

RICARDO

Porque não o preguntou á santa? (*Transição*) Ah! sim, é verdade... ela não lhe podia responder!...

TADEU

(*Com subtileza*) bem entendido .. quem cala consente...

MARIA

Ó tio, isso nem se faz, nem se diz!

TADEU

(*Sorrindo*) Este mariola puxou-me pela língua (*Levantando-se*) Agora vou-me para onde não faça perca nem dano. (*Indo um pouco à D., retrocede*) Já me esquecia, com a conversa... Amanhã é a descamisada do padre-prior, que tem os seus convidados, assim como eu tenho os meus! Vocês não faltem. (*A Maria*) Demais a mais, esta é a tua última descamisada de solteira!

RICARDO

Nós vamos. Tomo disso a minha palavra.

TADEU

E eu tomo outro copo. (*Bebe um copo e sai*)

(*Um pequeno silêncio*)

SCENA XIII

RICARDO e MARIA

RICARDO

Agora, que estamos sós, dize-me cá... (*Toma o braço de Maria*)

MARIA

(*Estremecendo*) Que queres que te diga?

RICARDO

Que tens tu? Durante o dia e ao jantar, quase não déste palavra? Como se entende isto?

MARIA

(*Respirando fundo*) Ando adoentada ..

RICARDO

(*Com bom modo*) Tu não és franca. Isso não é lá de dentro. Só se eu te não conhecesse! A modos que já não és a mesma. Desde que te conheço, nunca te vi assim.

MARIA

(*Ansiosa*) Julgas que eu não sou tua amiga?

RICARDO

Não duvido; mas estás hoje estranha. (*Transição*) Não sei porquê; mas ia jurar que anda aqui seja o que fôr.

MARIA

(*Como acima*) Nada no mundo faria mudar as minhas para contigo!

RICARDO

Por isso mesmo deves ter confiança em mim. Abre-

me o teu coração! (*Agarra nas mãos de Maria*) Anda, dize-me o que borbulha nos teus olhos.

MARIA

(*Lamuriosa*) Ricardo! Se tu soubesses quanto eu sofro! O que tenho passado nestes últimos dias! (*Respira fundo*)

RICARDO

(*Vivamente*) Mas que é?

MARIA

(*Desoprimindo-se*) Antes de mais nada, peço-te que me oiças até o fim, sem... aversão. O que vou dizer-te é muito grave.

RICARDO

(*Como acima*) Assustas-me! Que aconteceu? (*Transição*) Histórias! Alguma criancice tua...

MARIA

(*Suspirando*) Ah! que se eu dissesse tudo de uma vez, numa só palavra! mas não pode ser, não pode ser!... (*Soluça, ocultando o rosto com as mãos*)

RICARDO

Não te entendo!

MARIA

Olha, Ricardo, eu tenho mêdo de ti e por ti! Se me prometesses que serias o mesmo; que, depois da minha confissão, me olhavas sem... repugnância!

RICARDO

(*Boquíaberto*) Não estás boa de cabeça! Que ideias são essas?

MARIA

E' que não podes avaliar! E depois receio que me deites as culpas do que aconteceu...

RICARDO

(*Como acima*) Explica-te, mulher!

MARIA

(*Tomando alento*) Ricardo, meu bem amado! Eu... (*Detêm-se*)

RICARDO

(*Atalhando*) Então, vai ou não vai?

MARIA

(*Suplicante*) Eu sou indigna do teu amor! E, contudo, só Deus sabe como eu te quero! Mais do que nunca, porque sou agora muito desgraçada e dantes era tão feliz!

RICARDO

(*Como acima*) Mas fala, fala! Assim, não te entendo.

MARIA

Responde primeiro ao que te pregunto: juras acreditar-me?

RICARDO

Por Deus, Maria!

MARIA

(*Anciosa*) Mas responde, peço-te!

RICARDO

Que hei de eu responder?

MARIA

((*Tomando alento*) Não calculas, não podes fazer ideia do que preciso dizer-te... por isso é necessário que me animes. Não tenho coragem: se não acreditasses morria de vergonha. (*Chora baixando a cabeça*)

RICARDO

(*Com bom modo*) Estás a affligir-te, talvez, sem razão.

MARIA

(*Erguendo a cabeça sem energia*) Mas jura! Jura! (*Estende os braços suplicante*)

RICARDO

Jurar? Não sei o que hei de jurar! Posso jurar que te quero muito, que te hei de estimar sempre. E' isto?

MARIA

(*Com firmeza*) Sempre? Sempre?

RICARDO

(*Com firmeza*) Sim! Porque não havia de ser?

MARIA

(*Respirando fundo*) Obrigada! (*Transição*) Agora já tenho fôrças... Eu quero... (*Detèm-se*) Mas não sei... não sei...

RICARDO

(*Ansiosamente*) Então, voltamos á mesma? Assim não pode ser!

MARIA

(*Com dificuldade*) Supõe tu a maior infâmia. Uma infâmia de que fui vitima. (*Transição*) Mas não posso, não posso. (*Chora*)

RICARDO

(*Como acima*) Começas a torturar-me! Fala, fala; já te disse!

MARIA

(*Fazendo um esfôrço sôbre si*) Há coisas que parecem impossiveis e esta é uma delas!

RICARDO

(*Com ansiedade e energia*) Deixa-te dè rodeios e fala claro, que é melhor.

MARIA

(*Tomando alento*) E' melhor... è... Tens razão. (*Hesita*)

RICARDO

Em que ficamos? Então, vá!...

MARIA

(*Com dificuldade*) Nas vésperas do dia, em que tu devias chegar, eu andava no pátio tratando de um cãozito doente. Tinha ficado sozinha, porque o José fôra a uns mandados. Era o toque das Ave-Marias. Ouvindo o sino, puz-me de pé e fiz oração. Mal acabara de rezar, vejo-me, de repente, agarrada, á traição, pelas costas. Uns braços me apertavam com tal fôrça que não sei como não perdi logo os sentidos. Apesar das mãos tomadas, tinha a bôca livre para gritar, bradando por socorro; mas, quando tentei faze-lo... (*Faz um gesto de repugnância*) Senti o rosto... (*Detêm-se*)

RICARDO

(*Gritando com fúria*) Acaba... acaba de uma vez...

MARIA

(*Continuando*) De encontro ao peito do malvado. Lutei, lutei para me desprender; mas as fôrças iam-me faltando... até que desfaleci... Quando acordei, o miserável tinha desaparecido... A minha desgraça! A minha desgraça! (*Transição*) Não me obrigues a dizer o que já deves ter adivinhado...

ICARDO

(*Como acima*) Depressa, depressa! Quem foi?

MARIA

(*Pronunciando devagar*) António do Souto!

(*Um momento de silêncio, Maria chora. Ricardo vai para ter uma explosão de raiva; mas, subitamente, olha para Maria e serena-a, deixando ver no rosto uma angústia terrivel*)

RICARDO

(*Abraçando Maria*) Sossega, não chores mais!

MARIA

Deixa-me chorar!.. Deixa-me chorar!

RICARDO

(*Como acima*) Vai-te deitar.

MARIA

E tu? Tu tens o parecer transtornado!

RICARDO

(*Aparentando serenidade*) Não te aflijas. Eu vou-me embora. Preciso tambem de sossego....

MARIA

(*Suplicante*) Não, tu não te vais assim! Não vês a minha aflição? Pelo nosso amor! (*Indo a ajoelhar aos pés de Ricardo*)

RICARDO

(*Erguendo Maria*) Não, Maria. Tenho que sair. Tambem me quero ir deitar... Mas primeiro vou dar uma volta... Falta-me o ar... (*Respira fundo*)

MARIA

(*Como acima*) A esta hora?

RICARDO

(*Aparentando serenidade*) Todas as horas são boas para dar um passeio.

MARIA

(*Como acima*) Tu escondes-me o teu pensamento! Dize-me onde vais... Que intentas fazer?... Não sei o que pensar...

RICARDO

(*Como acima*) Amanhã conversaremos... Maria, por hoje basta!..

MARIA

(*Como acima*) Não tens confiança em mim? Não t'a mereço?

RICARDO

(*Como acima*) Mereces; mas deixa-me. Preciso de estar só, de ligar as ideias... que se me baralham aqui... (*Aponta a testa*)

MARIA

(*Agarrando Ricardo*) Mas, Ricardo, valha-me Deus! Eu tremo...

RICARDO

Não tens de que tremer. Deixa-me. Deixa-me pelo amor de Deus! (*Desprende-se de Maria, indo um pouco à D.*)

MARIA

(*Aflita, indo a Ricardo*) Mas que vais tu fazer, Ricardo? Eu não sei o que adivinho!

RICARDO

(*Junto da porta*) Nada. Deixa-me, senão rebento. (*Após breve silêncio*) Não vou fazer nada, descansa. Já te disse...

MARIA

(*Como acima*) Não, não, tu não me dizes a verdade!

RICARDO

Vou cumprir o meu dever! (*Sai desorientado pela D.*)

(Depois de Ricardo sair, Maria, junto da porta, indica querer segui-lo, hesita, vai depois debruçar-se da janela, volta prostrada ao oratório, ajoelha e, de mãos postas, parece que chora em vez de rezar. O pano desce devagar)

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

Um trécho de campo, cujo horizonte abrange colinas e montes afastados, onde, no mais alto, se vê um moinho de vento. Do meio da scena, em linha obliqua para a E, parte o muro duma eira, de pequena altura, o qual tem, ao centro, uma entrada bem visivel. Do primeiro plano da E., perpendicular ao F e até ao muro da eira, corre um alpendre sustentado por duas hastes de madeira, tendo, ao meio, uma porta para o interior, junto da qual está pendurada uma lanterna acesa. Vêem-se ali vários utensilios de debulha : ancinhos, rôdos, pás, forquilhas, cêstos de vime, etc. Na eira, um monte de espigas e camisas de milho. Outra lanterna acêsa pendurada num pau serve para alumiar a descamisada. As figuras estão sentadas em redor da lanterna e algumas teem as costas para a scena. E' noite plena de luar.

SCENA I

TADEU, JOSEFA, JOAQUINA, ISABEL, FRANCISCO, camponeses e camponesas

(*Ao levantar o pano, sobresaíndo por entre o grande ruído de vozes na eira, ouvem-se, ao longe, as notas vivas dum* harmonium, *as quais se repetem e acentuam, com pequenos intervalos, emquanto dura a descamisada*)

FRANCISCO

(*Rindo e batendo uma palmada nas costas de Tadeu*) Sim, senhor. E' das melhores que tenho ouvido!...

ISABEL

Digam lá isso de alto para a gente ouvir. Aqui não se querem segrêdos.

FRANCISCO

O melhor não se pode contar... é só para nós... Olha que é uma pena! (*Tadeu segreda-lhe ao ouvido e Francisco abana a cabeça, rindo*)

ISABEL

Que tal ela é! Alguma brejeirice que não tem graça nenhuma...

FRANCISCO

Isso é que tu não podes afirmar sem ouvir!

JOAQUINA

(*Vivamente*) Eh! Raparigas! Nós temos que botar figura ao pé dos homens! Quanto mais não seja a cantar, porque êles *moita*...

ISABEL

Está bem de vêr. Pois então! E' preciso puxar-lhes pela lingua.

TADEU

Sempre gostava de ver isso!...

ISABEL

E eu gostava, mas era de o ver a puxar a um carro...

TADEU

Se emparelhas comigo, é para já!

ISABEL

Vá o tio Tadeu adiante...

TADEU

Onde tu quizeres, cachopa, não faço questão... (*Risadas*)

JOAQUINA

(*Cantarolando*) O diabo leve os homens
enfiados num cordel,
tanto monta seja António
como Francisco ou Manoel.

TADEU

(*A Francisco*) Vê lá rapaz! Olha que te toca pela porta!

FRANCISCO

Mais d'aqui a um nadinha, quando a tarefa acabar. Depois se verá quem tem goelas para a cantoria e pernas para o fandango!

TADEU

A respeito de goelas, — pronto! De pernas não é comigo!

ISABEL

(*A Tadeu*) Descanse, que ninguem conta com vocemecê...

TADEU

E' bem de vêr que os rapazes são mais emmonados do que eu. Ah! que se fôsse nos meus tempos, todas vocês andavam já numa dobadoira!

ISABEL

Mas hoje o que faz sem dentes?

TADEU

Não é necessário morder... A ti furtava-te um beijo e, se adregasse, um beliscão.

ISABEL

Isso era bom que eu deixasse!

TADEU

Não, que eu já te ia pedir licença! Quando mal te precatasses, tinhas uma beijoca repenicada...

ISABEL

Vocemecê cuida que isto aqui é repique de sinos?

TADEU

Ora de qualquer moita sai coelho! Já se entende que, se um homem pedir, vocês amuam ou fingem que não querem...

ISABEL

Nem todo o mato é ouregos! O diabo do homem!...

JOAQUINA

(*A Francisco*) Não tens vergonha do tio Tadeu? Parece mais môço do que tu!

FRANCISCO

Êle gosta de palavriado; nanja eu, que antes quero obras... Dá cá um abraço. (*Faz menção de abraçar Joaquina*)

JOAQUINA

(*Furtando o corpo*) Larguesa, que o campo é estreito! Ainda não te coube a espiga...

FRANCISCO

Mas façâmos de conta...

JOAQUINA

Ná! Ná! As contas rezam-se na igreja!

TADEU

Bem respondido! Quem quere boleta, trépa...

ISABEL

Mas, vocemecê, a respeito de cavalarias...

TADEU

Para uma franga sempre se corre a argolinha!

ISABEL

Mas vai-lhe acontecer ficar só com as penas...

TADEU

Com geito, ainda se lhe dava uma volta...

ISABEL

Presunção e água benta tem vocemecê com fartura.

FRANCISCO

(*A Isabel*) Não te metas com êle...

ISABEL

Aquilo é só parola. Mas, ainda que não fôsse, eu não gosto de castanha pilada... (*Risadas*)

FRANCISCO

(*A Tadeu*) Agora é o que o tio Tadeu embuchou!

TADEU

(*Levantando-se*) Embuchar eu! é que preciso molhar a palavra...

FRANCISCO

(*A Tadeu*) Isso é o que se chama uma boa saída. Venha de lá uma pinga do sr. padre prior!

TADEU

Vou buscar um quartão. (*Indo um pouco à E.*) Vá rapazes! Isto está quase no fim. (*Desaparece*)

SCENA II

As mesmas menos TADEU e depois LÊNDEA

JOAQUINA

Então, canta-se ou não! Isto não leva gêito de grande alegria.

FRANCISCO

Querem ouvir uma adivinha?

ISABEL

Com a condição de haver um prémio que tu dês...

FRANCISCO

Estou pronto a dar um beijo, se fôr uma rapariga que adivinhe... (*Protestos e risadas*) No caso de ser um homem, êle que o peça a vocês...

JOAQUINA

Pois vamos lá a ouvir, se não é asneira de se lhe tirar o chapéu!

FARNCISCO

Eu não sou capaz disso! O que eu faço é bem feito...

ISABEL

Dize lá, anda! e não te ponhas com mais aquelas...

FRANCISCO

(*Depois duma pausa*)

E' redonda e transparente,
pode ser grossa ou delgada,
e, nas mãos de certa gente,
anda e desanda apressada.
Pode ter coisas aos mólhos,
quando se presta ao serviço
e há quem a tenha nos olhos
mesmo até sem dar por isso!

JOAQUINA

E qualquer de nós conhece ou já viu?

FRANCISCO

Todos a podem ter: — homens e mulheres...

ISABEL

(*Vivamente*) Então, não é o que eu pensava... (*Risadas*)

FRANCISCO

Não comeces p'r'á aí a aventar! Quem te mandou supor?...

ISABEL

Não supuz coisíssima nenhuma!

JOAQUINA

Nem eu.

ISABEL

Eu cá por mim não adivinho!

JOSEFA

Tambem eu não.

JOAQUINA

Não vai, assim, com duas razões.

FRANCISCO

Com certeza que todas vocês já a tiveram nas mãos...

ISABEL

Homéssa!

JOAQUINA

(*A Francisco*) Estás a caçoar com a gente?

FRANCISCO

(*A Joaquina*) Não estou, não! E pódes crer que já te vi com ela nas mãos, a mexer...

ISABEL

O que me ataranta é poder ser grossa ou delgada!

JOAQUINA

E haver quem a tenha na vista? Dá que pensar...

FRANCISCO

Tudo isso é verdade.

JOSEFA

(*A Francisco*) E póde andar e desandar? Faz espécie!

FRANCISCO

E' como dizes.

ISABEL

(*A Francisco*) Explica por outras palavras!

FRANCISCO

Se digo tudo, que graça tem? Puxem pela cabeça. Não adivinham?

ISABEL

Espera, espera! (*Transição*) Não, não póde ser... (*Pensando*)

JOAQUINA

Ningem acerta; está bem de ver.

(*Lendea assoma no primeiro plano*)

ISABEL

Eu cá não me atrevo...

JOSEFA

Nem eu, por mais que parafuse. Tenho ouvido algumas, mas esta...

FRANCISCO

(*Demorando as palavras*) Pois... é uma peneira!

TODOS

E' verdade! é verdade!

JOSEFA

(*A Lêndea*) A menina e a tia Quiteria não veem?

LÊNDEA

(*A Josefa*) Cuidei que já cá estivessem. (*A todos*) Boas noites a todos vocemecês.

ISABEL

(*A Lêndea*) Senta-te aqui, ao meu lado. Logo hás de bailar comigo!

LÊNDEA

(*Sentando-se ao lado de Isabel, fica de frente para a scena*) Eu cá não sei bailar nem quero.

FRANCISCO

Cá está um com a peneira nos olhos!... (*Risadas*) Tu desprezas essa cachopa?

LÊNDEA

Eu?

ISABEL

(*A Lêndea*) Por mais que me digam, isso é paixão assolapada ...

LÊNDEA

(*A Isabel*) Que tens que ver comigo. Por ti, decerto, que não é!

ISABEL

(*Irónica*) Que pena isso me dá! Se soubesses a aquela que sinto por ti...

LÈNDEA

(*A Isabel*) Fica-te com ela!

ISABEL

(*Rindo*) De quem êle gosta sei eu! Mas não o digo cá por causa de uma coisa...

LÈNDEA

(*A Isabel*) Pela minha parte, pódes abrir a bôca e deixar correr...

ISABEL

(*A Lèndea*) Posso? Então lá vai: — é da tia Mafalda! (*Risadas*)

LÈNDEA

Com tal aventesma, nem para o ceu! Era capaz de me morder numa canela. Aquilo é mulher que fala com o demónio, à meia noite, e bebe azeite como as corujas!

(*Mafalda assoma à D., primeiro plano*)

ISABEL

(*A Lêndea*) Aposto que ela já te tentou!...

LÈNDEA

Só se tentasse!...

SCENA III

As mesmas e MAFALDA

ISABEL

(*A Mafalda que se aproxima*) Estavam aqui a fazer-lhe boas ausências... Não faz ideia!

MAFALDA

(*Indicando Lêndea*) Deve ter sido aquele mafarrico! (*Risadas*) Outro quem havia de ser? Eu bem sei como êle me quere! (*Senta-se de frente para a scena*)

LÊNDEA

(*A Mafalda*) Bonda que seja uma coisa pela outra...

MAFALDA

Este Lêndea tem cada uma como a cara dele! Ora digam-me lá se não era melhor prendê-lo mais curto!...

FRANCISCO

Agora é que ela vai boa!

LÊNDEA

(*A Mafalda*) Sabe que mais? as suas manhas são finas, mas nenhuma se enfia pelo fundo de uma agulha!

MAFALDA

(*Em ar de chacota*) Desejava eu bem saber porquê!...

LÊNDEA

Porque logo se conhece a grossura da malha que vocemecê usa. Nem todo o peixe cai na rêde... Percebeu agora?

MAFALDA

O alma de chicharro meteu-se-lhe na cabeça que eu desencaminhava... a Maria do Rosário! Podia lá ser! Uma rapariga que eu estimo, como se fôsse minha filha, que está noiva, apregoada...

LÊNDEA

Capaz disso e de mais é vocemecê!...

ISABEL

Bem, vá de remoques! A gente quere divertir-se e não presencear contendas.

(*Maria do Rosário e Quitéria assomam à D., primeiro plano*)

SCENA IV

As mesmas, MARIA DO ROSÁRIO e QUITÉRIA

QUITÉRIA

(*No primeira plano com Maria*) É o que eu te digo! Não percebo. Ontem, o Ricardo todo era cogitações, do teu modo, do teu parecer, que andavas alheada,—nem eu sei! Hoje, é êle que anda transtornado. Até faz scismar em bruxedos!

MARIA

Que quere vocemecê que eu lhe diga? Estou farta de lhe repetir!...

QUITÉRIA

Mas, então, ontem depois de eu sair, vocês não se zangaram?

MARIA

Porque nos haviamos de zangar? Era a primeira vez que tal acontecia...

QUITÉRIA

Pois, mulher, o Ricardo não é o mesmo! Entrou-me em casa às três da madrugada (jà isto me fez espécie); não pregou olho durante toda a noite... toda a noite? o resto dela! (*Transição*) Até que horas esteve êle contigo?

MARIA

(*Hesitando*) Até perto das onze...

QUITÉRIA

(*Vivamente*) Bem digo eu!...

MARIA

(*Estremecendo*) Que diz vocemecê?

QUITÉRIA

Não sei. Ando derramada. Tudo isto dá cabo de mim! Cada vez entendo menos, mas...

MARIA

(*Com ansiedade, atalhando*) O Ricardo contou-lhe alguma coisa?

QUITÉRIA

Isso sim! Moí-me de lhe procurar o que tinha: — que não era nada, que estava aborrecido, que não tinha sono, que lhe doia a cabeça. (*Transição*) Queira Deus não vá surdir daqui alguma... O Ricardo não é muito seguro de propósitos... (*Vivamente*) Vê lá tu se êle já aqui apareceu? Pode compreender-se uma coisa destas?

MARIA

(*Timidamente*) É para estranhar...

QUITÉRIA

Eu não sou de enguiços, mas ando oprimida. Esta tarde, a Josefa entornou uma pinga de azeite e eu acudi logo: — «limpa, limpa depressa, que é agoiro!» — Mas confesso que foi por dizer, porque não acredito em tolices que se dizem feitas por artes do diabo... (*Transição*) Vamos para ali. (*Aponta o F.*)

MARIA

(*Indo com Quitéria para o F.*) Como quizer.

QUITÉRIA

(*A todos*) Salve-os Deus!

VOZES

Boas noites! (*Alguns levantam-se para dar lugar a Maria e a Quitéria*)

QUITÉRIA

(*Depois de se sentar de frente para a scena*) E a respeito de espigas pretas? Encontrou-se alguma já?

(*Maria senta-se ao lado de Mafalda, de frente para a scena*)

JOSEFA

Estão dificeis como agulha em palheiro!

QUITÉRIA

Pois descamisada sem elas não tem graça, nem acaba bem. No meu tempo havia quem as trouxesse escondidas para agarrar abraços ás raparigas...

LÊNDEA

(*Vivamente*) Nem de propósito! A tia Quitéria a falar nisso e a aparecer-me uma! (*Mostra a espiga preta*)

QUITÉRIA

(*A Lêndea*) Já sabes o que te quadra: — um beijo em cada cachopa, porque as velhas, como eu, e, com perdão, a tia Mafalda, não se contam...

ISABEL

(*Vivamente*) Nanja a mim, que não quero! Deus me livre!...

JOAQUINA

Nem a mim! Nem a mim!

QUITÉRIA

(*Vivamente*) Já agora, digam todas que não! Ora, não há! O rapaz tem peçonha na bôca ou peste na cara!?

LÈNDEA

(*A Quitéria*) Obrigada, tia Quitéria; mas a minha espiga preta está ás ordens de qualquer dos presentes. Aí vai. (*Atira com ela para o meio da eira*) Beijos não se mendigam... E' coisa que não sei fazer.

QUITÉRIA

(*Sorrindo, á Lèndea*) Mas aprende. Até nem parece bem a um rapaz... Se eu fôsse uma rapariga, dáva-te agora uma mancheia dêles!

JOSEFA

(*A Quitéria*) Eu dou razão a vocemecê?

MARIA

(*A Lèndea*) E então eu, José? Cuidas que eu não era capaz de te dar um beijo?

QUITÉRIA

(*A Lèndea*) Vês? vês? Despacha-te, homem! Já tens duas... Se fores geitoso, ainda não fica por aqui! O caso vai ser falado!

LÈNDEA

(*A Quitéria*) De boamente lhe agradeço, tia Quitéria! A' menina Maria tambem. Mas... fica para outra vez que melhor o mereça. E a ti, Josefa, gabo o teu coração.

ISABEL

(*Vivamente*) Leve o diabo paixões e tristezas! Há gente que não gosta que os outros se divirtam! (*Ruido de vozes*)

António do Souto assoma á porta do alpendre, trajando jaqueta, calça com presilha e apoiando-se num pau. Tadeu vem atrás dêle, trazendo nas mãos um quartão de vinho e canecas)

QUITÉRIA

(*A Isabel*) Que estás para aí a remoer sem motivo? Tu é que foste a culpada desta arenga!

SCENA V

As mesmas, António do Souto e Tadeu

TADEU

(*No primeiro plano, a António*) O sr. fidalgo sempre quere assistir?

ANTÓNIO

Porque não! Já caturrei com o padre-prior a respeito de política e, agora, vou ver se encontro tambem uma espiga!

TADEU

E esta noite vieram três cachopas daqui... (*Leva a mão á orelha*)

ANTÓNIO

(*Indicando a eira*) Não era precisa tanta luz... Não te parece que bastava o luar?...

TADEU

(*Sorrindo*) E' cá dos meus! Quando eu era rapaz, tambem gostava mais de estar ás escuras... Mas agora...

ANTÓNIO

Jejúas?... Não ha outro remédio, quem vive na intimidade dos santos!...

TADEU

Isso não faz ao caso. Tivesse eu o sangue na guelra... mas já conto perto de um moio, não é brincadeira!

ANTÓNIO

E depois a pinga...

TADEU

(*Viramente*) E' para conservar... E' a única coisa que me tem em pé! Em me sentindo ir abaixo das pernas, vai meio quartilho e fico como novo!

António

Em cima dêsse outro, mais outro, até á canada!

Tadeu

Lá de onde em onde, já se vê... O vinho está barato...

António

(*Atalhando*) A ordem é rica, os frades são poucos... Mas isso já lá vem detrás! Um teu avò, que fabricava moeda falsa... (*Gesto de beber*)

Tadeu

Não era bem meu avò...

António

Então, era um avô torto!...

Tadeu

(*Vivamente*) Olhe, fino era êle como poucos! Quere o sr. fidalgo ouvir uma façanha dèsse meu parente?

António

Conta, conta lá...

Tadeu

O caso era que o sino da igreja velha não tocava havia muitos anos e ninguem sabia dar relação disso. Só depois dèsse tal meu avô morrer, é que se descobriu que era êle que lhe tirára o bronze para fazer patacos, lá em cima, na torre. Mas, o mais curioso, é o dito dêsse espertalhão:—«isto de moeda falsa, não há como fazê-la de alto, nas bochechas de todos!» — (*Transição*) O' sr. dom António, desculpe, tenho aqui o vinho para a rapaziada... (*Indo ao F.*)

Francisco

(*Vendo Tadeu*) Eh! rapazes! Aí vem a pinga!

ANTÓNIO

(*Indo ao grupo*) Boas noites! (*Os homens levantam-se para dar lugar a António; outros para o cumprimentar*) Deixem-se estar á vontade. Eu sento-me em qualquer parte. (*Indicando Isabel*) Aqui, por exemplo, ao lado de Isabel. (*Senta-se, e Tadeu começa a dar vinho*) Mas, ainda agora reparo!... Isto está no fim!

MAFALDA

(*Metendo disfarçadamente uma espiga no avental de Maria*) Olhem! Olhem! Cá tem a menina Maria uma espiga preta!

MARIA

(*Com azedume mal contido*) Vocemecê parece que tem muito empenho nela!...

MAFALDA

(*A Maria*) Eu? Essa agora não é má!

TADEU

(*A Maria*) Não te aflijas pequena! a roda não é grande. (*Sorrindo*) E o Ricardo não vai ter ciumes... (*Maria hesita*) Olha: começa por mim. Vá lá, deixa-te de acanhamentos. Dá cá um abraço e um beijo.

MARIA

(*A Tadeu*) Da melhor vontade! (*Abraça e beija Tadeu; depois abraça tres camponeses e, como António do Souto se põe na frente, dirige-se a Lêndea, puxa-o para si e diz-lhe com intenção, fitando António*) Toma lá um beijo, que bem o mereces!...

(*Grande movimento; rapazes e raparigas rodeiam Isabel, excepto Mafalda e António. Quitéria e Tadeu saem pela E.*)

ANTÓNIO

(*Baixo, a Maria*) E então eu que fiquei em último lugar?

MARIA

(*A António, entre os dentes*) Só se eu tivésse, na bôca, o veneno das víboras!

ISABEL

(*Ao grupo*) Primeiro vamos ao sr. padre-prior; depois ao bailarico. (*Saem todos pela E.; excepto António e Mafalda*)

SCENA VI

ANTÓNIO e MAFALDA

ANTÓNIO

(*Descendo com Mafalda ao primeiro plano*) Que se passou, ontem, em casa de Maria do Rosário, depois de eu sair?

MAFALDA

Que eu désse fé, nada. (*Transição*) O sr. dom António não percebeu aquilo da espiga? Fui eu que lha meti disfarçadamente no avental...

ANTÓNIO

Percebi, percebi... (*Transição*) E Ricardo continúa na mesma?

MAFALDA

Por ora... emquanto não souber...

ANTÓNIO

(*Sorrindo*) Há de engulir a pílula. E ela andou com tino em não lhe contar. Assim, fica tudo em familia... E a Quitéria?

MAFALDA

Essa é que admira não ter farejado, porque é espertalhona!

ANTÓNIO

Afinal, que pensas de tudo isto?

MAFALDA

Que é de bôa prudência o sr. dom António não se aproximar dela, esta noite. Pode haver alguma dansa...

ANTÓNIO

(*Com desdèm*) Hum! Eu até gosto dos pimpões...

MAFALDA

Mas de uma, á falsa-fé, ninguem se livra! (*Vendo o Lèndea*) Olhe, ali anda o Lèndea a espreitar-nos...

ANTÓNIO

Deixa-o comigo. (*Indo um pouco ao F., mira o Lèndea de alto a baixo, com desprezo e, atrás dèle, segue Mafalda.*
Na porta do alpendre assomam Maria, Quitéria e Tadeu)

MAFALDA

(*A Lèndea*) Espantalho! Figas, demónio! (*Sai pela E.*)

LÈNDEA

(*A Mafalda*) Bruxa! Alma danada!

SCENA VII

QUITÉRIA, TADEU, MARIA e LÈNDEA

TADEU

(*No alpendre, a Maria*) O' Maria! Vè se me tiras um cigálho de pragana ou agreiro que me entrou aqui para este olho. (*Mostra o olho direito*)

MARIA

(*Examinando*) Não vejo nada!

QUITÉRIA

(*A Maria*) Espera, espera que eu te alumío. (*Pega na lanterna*)

TADEU

E' capaz de estar a menina encarnada...

MARIA

(*Depois de assoprar algumas vezes*) E agora?

TADEU

Parece-me que não a sinto. Já se foi naturalmente.

QUITÉRIA

(*Sentando-se num cesto de vime*) Não te queres ir embora?

MARIA

Ainda é cedo. Alêm disso, emquanto não vier o Ricardo!

TADEU

Por onde andará aquele desalmado! (*Vendo Lêndea*) Não o viste?

LÊNDEA

(*A Tadeu*) Não senhor.

TADEU

Vocemecês deixem-se estar, porque o bailarico dura, eu sei lá até que horas. (*Rindo*) Até a comadre há de dansar comigo... Não somos trôpegos. Para mexer as pernas, hein!

QUITÉRIA

Dessa está o compadre livre! Fale por sua conta, porque eu não me meto em dansas...

TADEU

Que há de a gente fazer senão levar isto de chalaça! Repare aqui em Maria: — parece uma velha. Olhe, não vê?

MARIA

O tio diz bem, mas eu que me tenho visto metida em trabalhos!.

TADEU

Por isso, agora vais ter quem te ajude em tudo e até a deitar uma ninhada de pequerruchos que hão de ser o enlêvo, ali da comadre...

QUITÉRIA

(*Sorrindo*) O compadre lá os faz, lá os baptiza!...

TADEU

Eu? Estava bem governado! Não os arranjei, quando a minha mulher era viva! Bastantes turras tivémos por via disso! Ela dizia que eu não tinha geito para nada e eu, já se vê, não concordava...

QUITÉRIA

(*Sorrindo*) O diabo é vocemecê...

TADEU

E a prova viu-se que não deitei rebento... Nem sequer foi chão que désse uva...

QUITÉRIA

Quem sabe lá o que o compadre terá feito... (*Maria indo a Lêndea*)

TADEU

Contrabando em vida de minha mulher? Nunca me deixou pôr o pé em ramo verde...

QUITÉRIA

Abençoada!...

TADEU

Vamos ver os rapazes?

QUITÉRIA

(*A Maria*) Ficas aí? (*Sai com Tadeu pelo F. E.*)

MARIA

(*A Quitéria*) Já vou.

SCENA VIII

MARIA e LÈNDEA

LÈNDEA

(*Depois de Quitéria sair*) E o seu Ricardo sem aparecer!

MARIA

Queria ir-me embora, mas tenho mêdo que èle se encontre com... E, depois, quem sabe lá, meu Deus!...

LÊNDEA

(*Atalhando*) Estou aqui para o que fôr preciso... A menina não se arreceie.

MARIA

Mas não vês que èle não atende aos meus rógos?... (*Transição*) Não sei, não sei o que hei de fazer. O Ricardo não te disse nada?

LÈNDEA

Nem uma palavra. Ah! mas, nos casos dèle, eu sabia o que tinha que fazer!...

MARIA

Que dizes tu, José? (*Transição*) Mas, se fôsse contigo, e se eu te pedisse por tudo?...

LÈNDEA

(*Atalhando*) Se a menina me pedisse e eu fôsse...

MARIA

Terias pena de me ver consumida. (*Chorando*) O Ricardo não compreende que, se tirar a vingança, é a desgraça de todos nós. (*Soluça*)

LÈNDEA

Pelo que há de mais sagrado, não chore! Quando a vejo a chorar... (*Dá ao rosto uma expressão feroz*) O Ricardo não há de perder-se.

MARIA

Tu podes lá evitar... Que podes tu fazer!

LÈNDEA

(*Resoluto*) Cá tenho as minhas razões... Se a menina por acaso, vir o Ricardo, não o desampare um momento. O resto fica a meu cuidado... (*Indo a afastar-se*)

MARIA

Mas onde vais tu?

LÈNDEA

(*Com intenção*) Vou esperá-lo... lá para baixo, se èle vier por ali... (*Aponta a D.*)

MARIA

Se vais em cata dèle, fico mais descansada. De ontem para cá, não sei como vivo! Olha, não o deixes entrar aqui sozinho.

LÈNDEA

(*Com intenção*) Conte comigo. Não o largarei. Fique certa disso. (*Vai a sair pela D., mas assim, que Maria desaparece, retrocede, hesita, dando a perceber que não quere ser visto por ela. A partir deste momento, ouve-se tocar viola e guitarra acompanhadas de vozes ao longe, como vindas da eira. Ao começar o canto, já a scena tem escurecido e Lèndea percorre-a de um lado a outro, abre uma navalha, espreita á porta do alpendre e vai pôr-se, depois, á espera, na D. A canção diz assim :*)

Eu levo noites inteiras
sem me poder ir deitar ;
a lua já traz olheiras
por ter que me alumiar.

Por ter que me alumiar,
A lua parece triste
desde que te fui rondar,
não sei mesmo se tu viste !

ai, ólé que dor,
ai, olé quem há de !
dizer se é amor,
dizer se é saudade !

Não sei mesmo se tu viste,
apesar de haver luar;
mas parece que fingiste
nem sequer me ver passar !

Nem sequer me ver passar
em tanta noite perdida,
quando eu andava a sonhar
um amor além da vida !

ai, olé que dor,
ai, olé quem há de !
dizer se é amor,
dizer se é saudade ! [1]

SCENA IX

LÈNDEA e RICARDO

RICARDO

(*A. D.*) Tu aqui ? Vai para o bailarico, anda !

---

[1] Vidé *Nota* no final.

LÈNDEA

Vou, mas havemos de ir os dois...

RICARDO

(*De um modo especial*) Tens mêdo de andar sozinho?...

LÈNDEA

(*Encolhendo os ombros*) Não sou dos mais espantadiços.

RICARDO

(*Em tom firme*) Deixa-me o campo livre. Quero ficar só.

LÈNDEA

(*Vivamente*) Para que havemos de estar com meias medidas!? Vocemecê veio aqui para dar cabo do...

RICARDO

(*Atalhando*) Queres defendê-lo...

LÈNDEA

(*Com desprezo*) Antes morrer danado!

RICARDO

(*Com intimativa*) Então, vai-te. Não preciso de saber mais...

LÈNDEA

(*Com firmeza*) Isso é que eu não vou!

RICARDO

Mas se eu te mandar? se eu te exigir? Não farás o que eu te disser?

LÈNDEA

Nem que vocemecê me queira obrigar!

RICARDO

Queres que êle me escape, — agora que sei, de certeza, que está aqui? Não fui capaz de lhe pôr a vista em cima! Andei á busca dêle, por toda a banda, durante uma noite e um dia!

LÈNDEA

Seja como fôr. Já lhe disse. Eu fico...

RICARDO

Mas para quê, homem? Para quê?

LÈNDEA

Para que êle não lhe cause mais dano... para que não haja em tudo isto... adiante...

RICARDO

Isso é só comigo!...

LÈNDEA

Atente primeiro no que lhe pode vir a suceder...

RICARDO

Tive tempo de sobra para pensar, antes de me decidir a isto...

LÈNDEA

Lembre-se da sua mãe, da que vai ser sua mulher... Repare que não é só, como eu, que não tenho ninguem...

RICARDO

(Com fúria) Mas que farias tu, se ela fosse tua noiva, a quem a perdesse?

LÈNDEA

(Num acesso de raiva) Rasgáva-o ás dentadas...

RICARDO

(*Sinistramente*) Bem, basta! Está direito...

LÊNDEA

(*Numa reviravolta*) Não, não. Eu estou doido! Eu não queria dizer isso! Não faça caso! Seria uma desgraça! Podia lá ser! Quem havia de ouvir os lamentos da sua mãe? Não deve pensar numa coisa dessas! Ela estalaria de dôr!

RICARDO

Tu o disseste! Disseste mesmo o que eu já havia pensado ..

LÊNDEA

(*Em tom suplicante*) Eu não disse... Eu não queria dizer tal! Foi uma asneira que me saltou. Que podia sair da minha bôca, senão uma tolice! Não faça caso, não faça caso. Era a sua perdição!

RICARDO

Perdidos estâmos nós: — eu e ela!

LÊNDEA

Não é verdade! Não é verdade! Vocemecê é preciso a essas duas mulheres. Eu é que não sirvo para nada. Oiçame primeiro...

RICARDO

(*Como que absôrto*) Isto não podia ficar assim! Tinha que vêr!

LÊNDEA

(*Como quem busca uma ideia*) E se não levar a melhor? Pode acontecer... Eu sei lá!

RICARDO

Quando se odeia, nos meus casos, com a minha gana!

LÊNDEA

Ele pode vir armado!

RICARDO

Tanto melhor...

LÊNDEA

(*Com firmeza*) Pois seja!
(*António, saindo do alpendre, tira o relójio, sem ver Ricardo nem Lêndea*)

RICARDO

(*Baixo, a Lêndea*) Ele ali vem. Sáfa-te. Podia dizer que tenho mêdo.

LÊNDEA

(*Em tom especial*) Eu cá estou tambem... (*Desaparece na E.*)

SCENA X

RICARDO, ANTÓNIO DO SOUTO e depois LÊNDEA

RICARDO

(*Indo a António, em tom terrivel*) Ora até que o tenho diante de mim! Já não era sem tempo!

ANTÓNIO

(*Fazendo por se mostrar sereno*) Que me queres? (*Mede Ricardo de alto a baixo*) A modos que me supões teu igual!...

RICARDO

(*Com fereza*) Menos... menos... (*Rindo sinistramente*) porque você é... Não digo para não sujar a bôca!

ANTÓNIO

(*Colérico*) Que atrevimento é êsse?

RICARDO

Não gastemos palavras inúteis...

ANTÓNIO

Mas quem és tu? Com que direito me falas dêsse modo?

RICARDO

(*Demorando as palavras*) Um homem que se quere entender com outro homem...

ANTÓNIO

(*Com altivez*) E se eu não quizer?

RICARDO

Tenho meio de o obrigar... As suas valentias são para as mulheres fracas...

ANTÓNIO

(*Exaltado*) Vais pagar caro o atrevimento! (*Recúa um passo, levando a mão ao bolso de onde tira um revólver*)

RICARDO

(*Terrivel*) E' para já, que o quero matar!... (*Abre uma navalha*)

ANTÓNIO

(*Entre os dentes, apontando*) Mais devagar... mais devagar...

RICARDO

(*Sinistramente*) Faça boa pontaria, senão morre... (*António dispara e logo, a seguir, Ricardo vibra-lhe uma navalhada que o tomba*)

LÉNDEA

(*Correndo da E.*) Fuja! Fuja! (*Empurra Ricardo para*

a D. e volta logo para junto de António. (A música deixa de se ouvir).

SCENA XI

Todos, excepto Ricardo e Tadeu

(*Assim que Ricardo desaparece na D., veem todos correndo da E*).

(*Lêndea, apanhando a navalha do chão, fica-se a olhar para ela absorto e preocupado*).

Maria

(*A' frente de todos, de mãos erguidas, gritando*) Ricardo! Ricardo! (*Estaca diante do corpo de António*)

Quitéria

(*Clamando*) Meu filho! Meu filho!

Francisco

(*Olhando para o corpo de António*) Um homem morto!

Mafalda

E' o fidalgo! E' o dom António! E' o dom António!

Francisco

Foi o Lêndea! Foi o Lêndea!

Vozes

Foi êle! Foi êle!

Mafalda

(*Indicando o Lêndea*) Ainda tem a navalha na mão! Vejam! Vejam!

Maria

(*Como doida*) Não foi êle! Não podia ser! (*A Lêndea, de braços estendidos*) Fostes tu, José! Foste tu?

LÊNDEA

(*Numa expressão angustiada e com muita dificuldade*) Fui...

VOZES

A' morte! A' morte! (*Um grupo precipita-se sôbre o Lêndea*)

MARIA

(*Pondo-se diante do Lêndea e abrindo os braços*) Não, Não! Matem-me a mim primeiro! Matem-me a mim primeiro! *Um momento de pasmo em todos. O pano desce*)

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO QUARTO

Casa contigua a uma sala de tribunal, tendo, ao centro, uma porta larga. Quando essa porta está aberta, vê-se uma parte da bancada do júri, correndo paralela ao fundo. A' esquerda, uma porta e, perto dela, uma mesa tapada com um pano encarnado e coberta por um oleado escuro, em cima da qual se veem : — um tinteiro de metal amarelo, maços de papeis, processos, etc. Circundando a parède dos lados e do fundo, um *lambris* de azulejo. A' direita, uma porta e uma estante pequena de livros, cujos vidros estão tapados por um pano verde. Duas urnas pretas em cima da estante. E' dia.

SCENA I

Um Soldado e a voz do Advogado

(*Ao levantar o pano, está um soldado de guarda á porta da E.*)

Advogado

(*Dentro*) E, finalmente, o aspecto da legítima defesa irrefragavelmente demonstrada. Senhores jurados: — se vos quizessem matar com uma arma de luxo, de privilégio, não vos defenderieis com aquela que tivesseis á mão? Com certeza, que haveria em qualquer de vós, em todos vós, êsse movimento de instinto natural. Eis a legítima defesa! Qualquer arma vos serviria para isso: — um podão, uma foice roçadoira, um navalha, uma faca, etc. Mas, com uma diferença que, nêste caso, estava a vosso

favor. E' que uma navalha traz-se no bolso para cortar silvas, urzes da montanha ou para vindimar. E, se numa dada ocasião, ela se pode converter e tornar em instrumento de morte, não é menos verdade que outro era o fim para que foi comprada. Se é terrivel, em certos casos, não deixa de ser sempre um objecto de uso para o trabalho útil e honesto; tem uma razão de ser: — a utilidade! Mas a outra? A arma de privilégio, de luxo para que serve? Compra-se e usa-se, apenas, com a ideia premeditada de ferir ou de matar. Faz alguma diferença. Ponderai, ainda, senhores jurados, a desproporção e distância social dos dois adversários. De um lado que vemos? O poder, o dinheiro, as influências políticas, da malfadada política local, exigindo, clamando vingança! Do outro, somente a voz débil e fraca da humildade, da pobresa, do abandono! Isto é bastante para nos comover, para nos cortar o coração. Em verdade vos digo, senhores jurados, que só tendes que pôr a mão nas vossas consciências e por elas julgar. Em consciência, como se poderá condenar um homem por um acto que praticou num instintivo movimento de defesa da sua vida? Não me vai surpreender a vossa deliberação absolutória, porque é justa. Alguem abençoará a bela acção que ides praticar, restituindo á liberdade um desprotegido que, se outros predicados não possue, tem o grande mérito de nunca haver contribuido para o mal dos outros! Disse.

(*Grande burburinho na sala da audiência.*

SCENA II

ISABEL, PEDRO, depois MAFALDA e JOSEFA

ISABEL

(*Entrando com Pedro pelo fundo, cuja porta se fecha logo.*) Apre! Julguei que rebentava lá dentro com calma! Veio o poder do mundo!

PEDRO

Já podias estar de abalada, quizeste ouvir o discurso do advogado...

ISABEL

Aquilo é que é um rouxinol!

PEDRO

Mas tu percebeste bem o que èle te disse?

ISABEL

Percebi que êle tem muita cantiga! Até conseguiu que eu tivesse dó do Lêndea!

PEDRO

Há de servir-lhe de muito!

ISABEL

Parece-lhe? (*Transição*) Bem, sr. Pedro. Vou-me. Dê-me, então, cá êsse papel.

PEDRO

Já agora, porque não esperas pela sentença? Não tarda. (*Indo à secretária*)

MAFALDA

(*Entrando com Josefa e indo a Isabel*) Sempre foste uma atada nas respostas! ..

ISABEL

(*A Mafalda*) Eu? Disse o que sabia! A mais não era obrigada.

MAFALDA

(*A Isabel*) Chegou-te agora a piedade! Não vês que, se èle matou o fidalgo, mais depressa o faria a qualquer de nós!...

ISABEL

A mim tanto se me dá. Quero lá saber!

MAFALDA

(*Vivamente*) Ora essa! Não o viste de navalha na mão? Ele o confessou de sua bôca!

ISABEL

Isso não é comigo: — é com a justiça!

JOSEFA

(*A Mafalda*) Vocemecê estava boa para acusadora!

MAFALDA

Não... hei de mostrar-me parva, como vocês!

ISABEL

Cada qual é como é!

JOSEFA

E pensa a seu modo. E' a única coisa de que ninguem nos póde privar.

MAFALDA

Por isso, sai, ás vezes, cada uma!

JOSEFA

Se é da nossa cabeça, que teem os mais com isso! Eu cá é as contas que lhe deito. Se fôsse lá da justiça, não lhe botava castigo.

MAFALDA

(*A Josefa*) E's rara, rapariga! O teu parecer e nada são uma e a mesma coisa! Não é por ti que êle há de ficar livre e, ao Ricardo, tambem lhe vai estoirar a castanha na bôca com o advogado de Lisboa e tudo o mais que arranjou!

JOSEFA

E vocemecê acha isso bem feito? Porque é um desgraçado, todos lhe malham em cima! Se fôsse rico ou fidalgo, não faltaria quem o defendesse!

PEDRO

(*Acabando de escrever, levanta-se, indo a Isabel*) Toma lá. (*Entrega-lhe um papel*) Adeus. Podes ir-te embora.

ISABEL

(*A Pedro*) Não faço cá falta? Ainda bem. (*Sai pela E. e Pedro pela D.*

(*Ouve-se grande burburinho na sala da audiência. Entro Quitéria pelo F.*)

SCENA III

MAFALDA, JOSEFA e QUITÉRIA

MAFALDA

Estou morta por saber o que fazem os jurados.

QUITÉRIA

(*A Josefa*) Estava a ver, quando êles te enredavam nas preguntas. Eu bem te encomendei que dissessses só o que tinhas visto.

JOSEFA

(*A Quitéria*) Não me deu cuidado nem receio. Vocemecê bem sabe que eu não sou, como os outros, que o acusam de pedras na mão. Não sei porque o Lêndea matou o outro, o que posso afirmar é que ouvi um tiro!

QUITÉRIA

Maldita praga de homem! E eu a julgá-lo um pobre diabo!

MAFALDA

(*A Quitéria*) Mas veja como as coisas são! Eu fui a única que disse que o tiro podia ser obra do acaso. Nenhuma de nós o viu disparar! Agora o Lêndea, esse sim, foi êle que matou. Viu-se-lhe a prova na mão...

JOSEFA

Pois a mim não me entra na cabeça que o Lêndea matasse o outro sem razão! Nunca vi que êle fôsse capaz de armar desordens; não trata mal, de palavras, a ninguem; não consta que beba...

QUITÉRIA

Que queres dizer na tua? Um patife póde estar muito tempo no chôco antes de se mostrar como é!

MAFALDA

Olha quem! Aquilo era ronha oculta...

QUITÉRIA

Tambem eu não pensava; mas agora...

JOSEFA

Não entendo assim!

QUITÉRIA

(*Admirada*) Estás como o Ricardo e a Maria?

JOSEFA

Talvez êles tenham as suas razões...

QUITÉRIA

Mas quais, não me dirás?

JOSEFA

Não é da minha conta, mas, vocemecê, que é mais velha, devia presumi-las. Não se mata um homem sem um motivo forte.

MAFALDA

(*Vivamente, a Josefa*) Estás doida? Que poderia haver entre o fidalgo e aquele bigorrilha?

QUITÉRIA

Não há dúvida!

JOSEFA

A's vezes, de onde não se espera... Depois todos julgam o Lêndea um tonto, mas êle não tem nada de parvo.

QUITÉRIA

(*Pensando*) Querem ver que anda aqui! Se assim fosse...

MAFALDA

(*A Quitéria, atalhando*) Deixe-a falar! Ela não sabe o que diz.

QUITÉRIA

(*Pensando, sorri em ar de dúvida*) Podia lá ser! Não, não, era impossivel...

JOSEFA

(*A Quitéria*) Pois vá-se com esta: — se o Lêndea brigou com o outro, a ponto de o matar, forte devia ser a causa. Ora, no tribunal, isso não ficou bem apurado.
(*Assomam Ricardo e Maria na D.*)

MAFALDA

(*A Josefa, com intenção*) As tuas dúvidas vão desfazer-se d'aqui a um instante, descansa...

QUITÉRIA

(*Como quem acorda*) Hein? Que disséste?

JOSEFA

(*A Quitéria*) Que ainda se há de vir a saber, porque isto assim não se explica...

SCENA IV

As mesmas, RICARDO e MARIA,

MARIA

(*A' D., entre portas*) Não lhe falaste?

RICARDO

(*A Maria, olhando para dentro*) O padrinho Tadeu, está no juri. Agora, não póde ser! (*Entra em scena com Maria*)

MARIA

(*A Ricardo*) Nem o advogado lá pode ir falar-lhe?

RICARDO

(*A Maria*) Não, não, deixa ver.

QUITÉRIA

(*Indo um pouco a Ricardo*) Com que então continúas na tua?

RICARDO

(*A Quitéria*) Não continúo, nem deixo de continuar...

QUITÉRIA

(*A Ricardo*) Pelo que vejo, aprendeste, na militança, a defender matadores? Foi o que de lá trouxeste! Agora vejo que eu tinha motivos de sobra para não querer que para lá fôsses. (*Transição*) E sou eu chasqueada por toda a gente, porque um filho me envergonha a cara?

RICARDO

(*Com aspereza*) Minha mãe! Por tudo quanto há, não me diga isso!

QUITÉRIA

Com que direito andas a proteger um malvado a que

esta deu guarida? (*Aponta Maria*) Brada aos ceus uma coisa destas!

RICARDO

Isso é comigo só!

QUITÉRIA

(*Com azedume mal contido*) — «E' comigo! E' comigo! —» dizes tu! Não tens outra resposta na bôca, assim como não explicas a ruim acção que andas praticando. Nem que fôra teu irmão o defenderas tanto!

RICARDO

Agora é que vocemecê diz bem. Nem que fôra meu irmão, porque êle é mais do que isso para mim!

QUITÉRIA

(*Indignando-se*) Hein! Que dizes tu? Tens a cabeça transtornada, filho! Pois tu atréves-te a fazer uma comparação dessas? (*Transição*) Deixa-me ir embora para não ouvir mais alguma...

RICARDO

E' melhor, é...

QUITÉRIA

Isto passa a mais! Que maiores provações me queres fazer passar? Onde vou eu buscar dinheiro para as demandas?

RICARDO

(*Exaltando-se*) Se vocemecê não havia de falar nisso? Já cá faltava! Fique sabendo que gastarei até os últimos ceitis da minha legítima!

QUITÉRIA

(*Pondo as mãos na cabeça*) Ih! Jesus! Nossa Senhora me valha! O meu filho perdeu o juiso! Que desgraçada mãe que eu sou! (*A Josefa*) Anda daí. (*Indo a sair*

pela D.) Para o que eu havia de estar guardada no fim da minha vida! (*Saem Quitéria, Josefa e Mafalda*)

SCENA V

MARIA e RICARDO

RICARDO

(*Depois de Quitéria sair*) E' isto que tu vês! Até a minha mãe!

MARIA

Ela não compreende, não pode compreender. Pobre rapaz! Se não nos tivesse a nós, o que seria dêle desde que está na prisão:—escarnecido por todos, amaldiçoado por toda a gente!

RICARDO

Mas eu não me tenho poupado a sacrificios. Indispuz-me com meio mundo; despejaram-se sobre mim as iras de muitos e os protestos de todos; arranjei-lhe um advogado de maior fama de Lisboa...

MARIA

Tudo isso e mais ainda merece aquela boa alma!

RICARDO

E' um homem ás direitas! Vale por muitos! Nem eu sei avaliar...

MARIA

O que eu não faria para lhe pagar tanta dedicação! Aquilo excede tudo quanto se possa pensar. Ele, se matou o outro, foi para nos livrar de trabalhos! Quem faria isto?

RICARDO

Um homem que gostasse muito de uma mulher!

MARIA

Coitado! Merecia bem uma mulher que o acolhesse no coração! E o que me causa mais arrelia, o que me enche de amargura é que todos o desprezam! Mas porquê? Porquê? (*Soluça*)

RICARDO

Então, Maria! Não te consumas assim! Com isso não consegues senão acobardar-me.

MARIA

(*Chorando*) Não posso vêr, sem uma grande dôr, o que se vai passar.

RICARDO

Mas êle ainda não está condenado! E' mesmo possivel que não o seja. Não desanimemos por emquanto.

MARIA

(*Como acima*) Não te iludas, Ricardo! E' sina dêle; tem que cumprir-se. Diz-me o coração, que não engana, uma desgraça. Ninguem o salvará. Olha o que disseram as testemunhas! Só a Josefa e a Isabel o defenderam. O resto, tudo foi contra.

RICARDO

Tudo? Não é bem assim! Temos o padrinho, pelo menos.

MARIA

Mas o que podes tu e os teus amigos contra a voz corrente? E as influências da familia do morto? Lembra-te de tudo isto!

RICARDO

A defesa há de ter voltado o juri, acredita. Olha que o discurso foi uma coisa nunca ouvida! Toda a gente a chorar!

MARIA

Ainda que muitos fôssem a favor dêle, não deixariam de o condenar. E esta ideia tem-me tirado o sono, não me larga um momento!

RICARDO

(*Apoquentando-se*) Para que estás a repisar êsse ponto!

MARIA

(*Com exaltação*) Para quê? Era preciso não ter coração, era necessário que eu fôsse uma desalmada para não pensar na sorte dêle: — enterrado em vida por tua causa, por nossa culpa!

RICARDO

(*Aflito*) Não, não, isso não póde ser!...

MARIA

(*Comovida*) Ai dêle, sem ninguem ao seu lado para o encher de coragem, para o confortar nos momentos de fraqueza e de desespêro! Depois, olhado, por todos, como um criminoso odiento, quando êle é digno de ser abençoado! Ah! tu não pódes imaginar o que tenho sofrido ao pensar nisto! Quantas noites, sem dormir, tomada de pesadelos, se me afigurava vê-lo, por entre as grades duma prisão, fitando-me com os seus olhos de espectro, maldizendo aquêles que o levaram ao seu calvário! Doente, magro, a morrer dia a dia! (*Faz um gesto de horror*)

RICARDO

(*Agarrando Maria*) Maria!

MARIA

E, como se isto não bastasse, quando me levanto da cama, depois de noites terriveis, não oiço senão váias contra o desgraçado, por quem nem sequer me atrevo a punir como sinto... e como devo! (*Chora convulsivamente*)

RICARDO

(Acariciando Maria) Não chores, que me matas de aflição!

SCENA VI

As mesmas, LÊNDEA, PEDRO e um polícia

PEDRO

(A Lêndea) Vê se mexes essas pernas! *(Vendo que Lêndea fica a olhar Maria)* Tu não ouves? *(Ao polícia)* Agora, para esta sala, não entra ninguem.

MARIA

(Indo a Lêndea) José!

PEDRO

(Impedindo Maria com um gesto) Alto lá! Não póde falar com o prêso. *(Transição)* Faça favor de saír daqui com o sr. Ricardo.

RICARDO

(A Pedro) Peço-lhe o favor de me deixar dizer duas palavras ao José.

PEDRO

(A Ricardo) Não tenho ordem para isso. Agora é impossivel. Quando acabar a audiência, então lhe falará.

MARIA

(Em tom suplicante, a Pedro) Pelo amor de Deus, sr. Pedro! E' só uma palavra. Amercie-se da minha dôr! Tenha dó de mim!

PEDRO

(Gesto de condescendência) Vá; mas de pouca demóra, porque êle está sob a minha responsabilidade. *(A um sinal de Pedro, o polícia sai pela D.)*

LÊNDEA

(*A Maria*) Porque chora, Maria?

MARIA

(*Soluçando, abraça Lêndea*) Ai, José! Quanto tenho sofrido nêstes últimos dias!

LÊNDEA

Agradeço-lhe muito... muito, essas lágrimas!

PEDRO

(*A Ricardo*) Tem que assinar um papel. (*Indo à mêsa com Ricardo*)

MARIA

E, agora, José? Que vida vai ser a tua? Considera nisto.

LÊNDEA

A que sempre tive, - a de um condenado! Para todos não estava eu perdido?

MARIA

Menos para mim, José! Tu deves sabê-lo: — menos para mim!

LÊNDEA

A menina! Mas a menina é um anjo!

MARIA

(*Gradualmente baixa a voz*) Que contribuiu para a tua perdição!

LÉNDEA

Isso não é assim, não é assim. Não diga tal!

MARIA

Digo para me confessares tudo, porque tudo devo saber, tudo! Para que mataste èsse homem?

LÈNDEA

(*Confundindo-se*) Ponha o caso de banda. Não falemos mais nisso.

MARIA

Cuidas que eu não avalio o teu sacrificio, a tua grande generosidade? Supões-me tão cega que não veja o motivo? Quizeste evitar que Ricardo...

LÈNDEA

(*Confundido*) Mas...

MARIA

(*Atalhando*) Agora, preciso confessar-te que a tua dedicação extrêma para nada serviu, — foi inútil, porque sou muito desventurado e não posso ser feliz. Para que havias tu de matar!

LÈNDEA

Para... Case com êle, case! Era o que eu pretendia! Foi pela sua ventura.

MARIA

(*Atalhando*) A minha ventura! (*Tristemente*) A minha felicidade! á custa do teu martirio! mercada pelo preço da tua vida! Como queres tu que eu seja feliz?! O meu vestido de noivado fica ensopado de lágrimas! Era preciso que eu não tivesse nenhuma espécie de sentimentos, que fôsse destituída de todo... para não me importar com a tua desgraça, para me aproveitar dela! Seria o mesmo que dançar sòbre o teu corpo enregelado. Que mulher supões tu que eu seja? Não, José, não me julgues tão mal! (*Ricardo vai a Lèndea e Pedro sai pela F.*)

SCENA VII

As mesmas menos Pedro

Lêndea

(*A Maria*) Perdoe-me! Resta-lhe a minha vida. Só Deus sabe como eu seria capaz de lh'a dar para a ver ditosa!

Maria

(*No auge do assombro*) Mas que homem és tu?

Lêndea

(*Com tristeza e encolhendo os hombros*) Quem sou? Um condenado!

Maria

Como eu me sinto pequena ao pé de ti!

Lêndea

(*A Maria*) Com a sua estima e afeição tenho fôrças e coragem para tudo! Depois... largos dias tem cem anos!

Ricardo

(*Tomando uma brusca resolução, a Maria*) Deixa-me a sós com êle. (*Maria afasta-se para um dos lados*) Isto não pode ser, não deve ser, José! Tenho remorsos de aceitar o teu sacrificio!

Lêndea

(*A meia voz*) Mas que quere fazer agora?

Ricardo

(*Como acima*) Explicar como as coisas se passaram, confessar tudo, tudo! Tu não hás de sofrer, estando inocente! Alem disso, Maria, sempre lavada em lágrimas parece que adivinha esta tramóia do diabo....

LÈNDEA

(*Baixo e vivamente*) Não lhe diga nada, por quem é! Tenho o seu juramento!

RICARDO

Mas não vês que é já impossivel a nossa felicidade!? Podia lá ser! Em troca da tua vida? Isso era indigno de mim e de todo o homem de brios!

LÈNDEA

Quere, então, ir acusar-se? Que lucrava com isso? Nem por êsse motivo eu deixaria de ser o que sou, ao passo que vocemecê tem dois corações que lhe querem, duas mulheres adoradas:—mãe e noiva! (*Transição*) E' o meu único presente. Não póde ser mais cá de dentro! Aceite a minha prenda de noivado. (*Bate uma punhada no peito*)

RICARDO

(*Espantado*) José! José!

LÈNDEA

(*No mesmo tom*) Vamos que vocemecê não queira aceitar-me este sacrifício que de boamente faço. E' homem, como eu, póde bem com a cruz. Mas, lembre-se dela, coitadinha, com direito a ser venturosa, dela que tão infeliz tem sido em toda a vida! (*Transição*) Não se envergonhe de aceitar o que lhe ofereço. Dou-lh'o com toda a minha alma! Aceite o meu presente de noivado!

RICARDO

(*Com energia*) Não aceito!

LÈNDEA

Que mais é preciso fazer?

RICARDO

(*No mesmo tom*) Mas tu não vês que isso é mais que ruindade, é uma baixesa? Não vês que me rebaixo aos olhos dela e de toda a gente?

LÊNDEA

Ninguem tem necessidade de saber e, muito menos, ela!

RICARDO

Não posso! por mais que eu queira, é superior ás minhas fôrças! Não posso!

LÊNDEA

Mas póde fazer a desgraça dela! Pode fazer a sua, sem remissão... Para quê? Para quê?

RICARDO

(*Como acima*) Não, mil vezes não! E' tempo ainda de remediar o mal que fiz. A sentença ainda não foi dada. Quando abrir outra vez a audiência, vou declarar tudo! Vou remediar o mal feito. Ninguem será capaz de me condenar, depois de explicada a infâmia do outro. E' o que devo fazer; é o que farei! (*Indo a afastar-se*)

LÊNDEA

(*Segurando no braço de Ricardo e em tom especial*) Para isso, — entenda bem, — vai pôr, pelas ruas da amargura, aquela que há de ser sua mulher! Para isso, fará despejar sòbre ela o escárnio do mundo e o desprezo de todos! Para isso, há de apregoar a desonra de Maria! (*Transição*) Pelo amor de Deus! — por amor dela, não pense em tal coisa, quanto mais fazê-la! Matava-a de vergonha! E' justo, é necessário que cada um de nós faça tudo por ela...

RICARDO

(*Admirado*) Mas tu, com que direito?

LÊNDEA

Com o direito de lhe pagar o bem que ela me fez, o modo como sempre me tratou! Nas minhas doenças foi um anjo bom! Sempre encontrei em Maria um amparo, Com o direito de ser agradecido! Que lhe poderia eu dar

em troca de tudo isso? Foi a única pessôa, no mundo, desde que me conheço, que teve para mim carinhos, que me compensou do mal que os outros me queriam, dos maus tratos que me davam:—pancadas e escárnios! Ela... teve dó de mim! Estimou-me, agasalhou-me! Chamou-me seu seu irmão! (*Leva a mão aos olhos*)

RICARDO

(*Admirando-se*) Ah! José! que vales mais do que eu!

LÈNDEA

Não sei o que valho. Sei apenas o que sou capaz de fazer para quem fôr bom para mim, como ela o tem sido em todas as ocasiões e até nas minhas doenças! Os desgraçados, como eu, só podem fazer presentes à custa do sangue das suas veias. Guarde consigo o que lhe estou dizendo. Ajude-me a salvá-la, poupe-lhe mais essa vergonha. Não me negue êste favor! Aceite a minha prenda de noivado.

SCENA VIII

As mesmas, PEDRO e um policia

(*Entrando*) Toca a acabar com essa conversa! A audiência vai recomeçar!

LÈNDEA

(*Baixo, a Ricardo*) Tenho o seu juramento de honra! Ouviu? Tenho o seu juramento!

PEDRO

Vamos, depressa!

RICARDO

(*Baixo, a Lèndea*) Porque assim m'o exiges... juro!

LÈNDEA

(*A Ricardo*) Obrigado. (*Indo á D.*)

MARIA

(*Indo a José*) José! José! (*Abraça José*)

LÊNDEA

(*A Maria*) Êle jurou-me que a tornaria feliz! (*Sai seguido pelo policia. Pedro, indo ao F., fecha a porta, desaparecendo*)

SCENA IX

MARIA e RICARDO

RICARDO

(*Depois de todos sairem*) Anda, vamos nós tambem!

MARIA

(*Vivamente*) Não, não tenho coragem!

RICARDO

Então, vou eu!

MARIA

(*Vivamente*) Não me deixes aqui sozinha! Eu sinto que cairia no chão, sem fôrças, desfalecida!

RICARDO

Mas, se ficâmos aqui, maior será a nossa angústia! (*Tenta escutar*)

MARIA

(*Tristemente*) Não pensemos agora em nós! Pensemos nêle!

RICARDO

Eu sei lá no que penso, no estado em que sinto esta cabeça! Que terrivel momento êste!

MARIA

E se êle fôr condenado? Sim, se lhe derem degrêdo? Que havemos de fazer?

RICARDO

Vender tudo, tudo! Recorrer. Temos ainda a apelação! Havemos de apelar...

MARIA

E para que serve isso! Não será caso de lhe agravarem a pena? Tudo pode acontecer! Pensa nisto, Ricardo!

RICARDO

(*Junto da porta*) Não oiço nada! Para que fechariam a porta?

MARIA

E para que queres ouvir o que se passa lá dentro? O que nós ambos precisamos é de ouvir a nossa consciência!

RICARDO

(*Estremecendo*) A consciência! Dizes bem... a minha consciência, sobretudo! (*Mostra um olhar desvairado*)

MARIA

(*Admirando-se*) Que é isso, Ricardo? Que expressão é essa?

RICARDO

(*Como que desperta*) Nada... Não é nada...

MARIA

(*Pondo as mãos em cruz*) Se os jurados tivessem coração! se a piedade os movesse! Meu Deus, como serias justo!

RICARDO

O que nos vale é ter o tio a favor!

MARIA

Sim, mas não é homem para levar os outros com êle!

RICARDO

Não se provará, ao menos, a legítima defêza ?

MARIA

E que aconteceria, se tal se provasse?

RICARDO

Não sei, mas a pena devia ser outra, que sei eu!

MARIA

Mas o advogado não te disse?

RICARDO

(*Atalhando*) Explicou-me que basta um voto para alterar a sentença!

MARIA

(*Aflita*) Não percebo, dize isso por outras palavras!

RICARDO

Não sei dizer melhor... As circunstâncias atenuantes.

MARIA

Disso não entendo: mas o que te pregunto é o que acontece, se todos os outros forem contra êle?

RICARDO

Já te disse que basta um voto para êle não ter a pena maior.

MARIA

Mesmo assim Ricardo, é uma grande desgraça... Verás que é certo.

RICARDO

(*De olhos esgazeados*) Tens razão! Isso não póde ser! se assim fôsse... (*Detêm-se*)

MARIA

Se assim fôsse! que significa isso? (*Transição*) Olha, Ricardo: desconfio que não me dizes a verdade?

RICARDO

(*Estremecendo*) Eu? (*Com desespêro*) Já não posso suportar por mais tempo esta inquietação que tenho dentro de mim! Não posso! Não posso! (*Tem uma crise de exaltação*)

MARIA

(*Vivamente*) Tu ocultas-me alguma coisa? Ricardo, dize-me tudo! Sê franco comigo! Não calculas como eu estou transtornada da cabeça (*Aponta a testa*) Parece que me foje a luz da razão!... Fala! Fala!

RICARDO

(*Torcendo as mãos em sinal de desespêro*) Se não te posso dizer!

MARIA

(*Exaltado-se*) Não me podes dizer?!...

RICARDO

Não, não posso! Jurei por tudo quanto há de mais sagrado!

MARIA

(*Como acima*) Mas que segrêdos são êsses para mim? Usas de mistérios para comigo?

RICARDO

Não, é que jurei pela tua honra!

MARIA

Mas juraste o quê? Porque é que tu juraste?

RICARDO

Porque êle assim m'o exigiu...

MARIA

Mas é coisa que lhe diga respeito? Póde contribuir para o salvar? (*Vendo que Ricardo tarda em responder*) Responde! Responde!

RICARDO

(*Com dificuldade e suspirando*) Póde...

MARIA

(*Exaltando-se*) E tu estavas calado? Não querias dizer-me isso, sabendo que podias evitar uma desgraça?... (*Agarrando no braço de Ricardo com violência*) Vamos! Abre essa porta, que ainda podemos ir a tempo!... (*Obrigando Ricardo a bater á porta do F.*) Bate, bate com fôrça!

RICARDO

(*Hesitando e detendo Maria*) Ouve, Maria... quem matou o fidalgo fui eu!

MARIA

(*Estupefacta no primeiro momento, depois corre á porta, gritando com desespêro*) Abram! Abram! José! (*A porta abre-se e Lêndea aparece com Pedro*) Tu estás inocente! Estás inocente!

SCENA X

As mesmas LÊNDEA e PEDRO

LÊNDEA

(*A Maria*) Estou condenado, Maria!

MARIA

(*Numa grande exaltação*) Não, não! Estás inocente! Estás ino...cen... (*Desmaia*)

LÊNDEA

(*A Ricardo, apontando Maria*) Tenha dó dela... se não lhe tem amor!

(*Cai o pano*).

FIM DO QUARTO ACTO

ACTO QUINTO

A mesma scena do segundo acto. E' noite

SCENA I

MARIA e JOSEFA

JOSEFA

Assim é, menina! Creia que lhe digo a verdade. Ninguem póde aturar a tia Quitéria, depois da morte do filho.

MARIA

Pareceu-me adivinhar tudo isto, ha seis anos, no próprio dia do julgamento. Que dia aquêle!

JOSEFA

(*Compungida*) Infeliz môço! E o médico que diz da doença dêle?

MARIA

Fraqueza, resultados das febres d'África, que há de arribar, mas eu sei lá!

JOSEFA

Se não fôsse a menina ter-lhe feito tudo: — dar-lhe agasalho, tratá-lo...

MARIA

Isso pouco é, mas mais que fôsse. (*Transição*) Um dia te contarei e, então, verás.

JOSEFA

Era tempo de a deixarem sossegada, que bem bastavam tantos desgostos!

MARIA

Que queres tu! Que se há de fazer! (*Transição*) Mas o que eu tenho passado já lá vai...

JOSEFA

(*Gesto vago de espanto*) As bôcas do mundo, que horror!

MARIA

Era de esperar tudo isso e até mais .. Não me admiro de que todos, falem... — não o conhecem! Nem mesmo tu que sempre fôste bôa para êle, pódes avaliar...

JOSEFA

Sempre me quiz parecer que, á morte do fidalgo, andava agarrada alguma história reveza. Depois, quando, ha tres anos, a menina ficou viuva, ainda me aferrei mais nesta presunção.

MARIA

E vê lá tu que mentiras se teem dito, por ai, por causa dessa morte!

JOSEFA

Mas a menina não está ao facto de tudo?

MARIA

Estou ; pois não havia de estar?... mas não vale a pêna. (*Transição*) No mundo restam-me o meu filho, a minha

mãe e êsse infeliz que ali tenho, se Deus não mo levar tambem agora. (*Aponta a D.*)

JOSEFA

Tão novo, coitado!.

MARIA

Eu bem sei que tudo isto é por via dêle, mas nada conseguem, porque não ponho de parte o meu dever de mulher agradecida. Cumpri a minha obrigação!

JOSEFA

Línguas danadas. (*Transição*) Não vê que êle, antigamente, estava em sua casa, como criado, e ninguêm atentava nisso; mas, agora que voltou do degrèdo, não perdoam a caridade da menina.

MARIA

(*Atalhando*) E dão-lhe outro nome mais feio. Quero lá saber disso! Havia eu de deixá-lo á míngua! (*Aplica o ouvido na direcção da D.*) Escuta! Parece-me que èle acordou agora. (*Indo um pouco á D., quando Lèndea assoma á porta da D. B.*) Para que te levantaste, José?

SCENA II

As mesmas e LÈNDEA

LÈNDEA

(*Entrando, magro, desfigurado*) Não podia com calòr; lá dentro faltava-me o ar!

MARIA

(*Ajudando Lèndea a sentar-se numa cadeira*) Senta-te aqui, mas com juizinho. O médico recomendou repouso e poucas conversas. E eu estou aqui para que se faça tudo como èle disse.

LÊNDEA

(*Indicando Maria*) Isto é um anjo! E tu, Josefa, Deus te faça feliz, porque bem o mereces.

MARIA

(*A Lèndea*) Já sabemos tudo isso. Não é preciso que o digas, que te pode fazer mal. Escusas de te cansar.

LÈNDEA

Parece-me que me vão chegando as minhas antigas fôrças.

MARIA

(*Sorrindo*) Tanto melhor! (*A Josefa*) Se queres, vai-te deitar.

JOSEFA

(*A Maria*) Eu? Isso sim! E' muito cêdo. Ainda não são nove horas. Depois, é noite de S. João!

MARIA

(*A Josefa*) Ah! sim, tens razão. Não me lembrava! Queres saltar as fogueiras?... Quem me dera estar como tu! (*Transição*) Olha: como o pequeno dorme e a minha mãe está sossegada, aproveita e vai dar uma volta. Não fiques para aí, emmonada, a um canto.

JOSEFA

Não tenho ralé de me divertir. Contento-me em ver passar por aqui os ranchos, como é costume.

MARIA

(*Sorrindo, a Josefa*) Não te faças velha antes de tempo!

JOSEFA

Ainda tenho que lidar na cozinha. Se precisar de mim, faça favor de chamar. (*Sai pela D. B.*)

SCENA III

LÈNDEA e MARIA

MARIA

(*Quando Josefa vai a sair*) Uma boa rapariga que sempre te defendeu.

LÊNDEA

Vão mal os tempos para quem é bom.

MARIA

Como te sentes agora?

LÊNDEA

Ao cabo de seis anos, é a primeira vez que logro um grande bem estar. (*Transição*) Quantas coisas se passaram! Parece de então para cá tudo isto um sonho!

MARIA

Que não deixou saudades...

LÊNDEA

(*Após um breve silêncio*) Chega-me agora a vez de falar.

MARIA

Não, não, que te fatigas.

LÊNDEA

Desculpe, Maria, mas não posso calar-me por mais tempo, acredite. Há coisas que ainda ignora.

MARIA

(*Com ternura*) Que eu ignoro!?

LÊNDEA

Sim. A minha alegria ao enxergar, depois de tamanha ausência, a nossa terra, os sitios, onde em crianças brincámos juntos e, por fim, esta casinha! Recordações que me enchem de vida, da vida que no desterro me fugia a pouco e pouco. Como respiro agora! Como me sinto outro!

MARIA

Não sei que diga para evitar que te canses (*Sorrindo*) Tu não obedeces...

LENDEA

Não diga nada. Deixe-me desafar! Que necessidade tenho de falar agora.

MARIA

Mas pode fazer-te mal.

LENDEA

Pelo contrário, é um alivio, um grande alívio! Em Africa só uma vez tive uma satisfação parecida: — foi quando recebi a sua primeira carta. Cuidei endoidecer de contentamento; era... como se, de repente, me tivessem escancarado a porta da prisão escura para respirar à luz do sol! Sentia vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo.

MARIA

(*Com ternura*) Como tu deves ter sofrido!

LENDEA

Não era o desterro que me matava, era a saudade! (*Como quem evoca*) A's vezes, caía numa deixação, porque certas coisas... só existem nos pensamentos! Mas quem sabe explicar isto? Aquêle que ama longe da Patria, lembrando-se da mulher querida! Se acontecia ouvir uma guitarra, os gemidos das cordas pareciam atravessar-me o coração. Foi assim, foi assim que compreendi o Fado! (*Reparando em Maria que enxuga os olhos*) Mas que desastrado que eu sou! Perdôe-me. ...

MARIA

(*Limpando os olhos*) Não é nada! Não é nada! Já passou... Não te preocupes comigo e pensa em não te afadigares.

LENDEA

Isto até me faz bem, creia. (*Transição*) Mas deixe-me continuar. Algum tempo depois de eu lá estar, veio-me uma grande vontade de saber ler. Queria decifrar as suas

cartas! Com tal entusiasmo me entreguei às lições que, ao cabo de um ano, lia correntemente tudo quanto me chegava à mão.

MARIA

(*Com ternura*) Mas, José, eu não consinto... não posso consentir que tu...

LÈNDEA

(*Pegando nas mãos de Maria*) Tenha paciência e oiça. (*Transição*) Graças ao meu comportamento, toda a gente me tratava bem. Eu continuei a estudar sempre com a avidez de saber, de descobrir o motivo por que os homens sofriam, a razão por que havia tanta desigualdade nêste mundo! (*Transição*) Há seis anos quem suporia o Lèndea capaz de ser alguem!

MARIA

(*Como acima*) Como eu te desconheço!

LÈNDEA

As penas e trabalhos produziram êste resultado: — uma transformação! Os homens são susceptiveis de mudar para o bem ou para o mal, consoante as circunstâncias. Eu teria sido um máu, se não sentisse um grande amor!

MARIA

Mas como fôste perdoado? Ainda não me contaste!

LÈNDEA

Eu não queria morrer sem voltar à metrópole, como lá se diz, mas coube-me a vez de adoecer.

MARIA

Por isso eu estive algum tempo sem receber noticias tuas!

LÈNDEA

A minha doença foi tão perigosa que recebi a extrema-unção. Ora, como a êsse tempo o seu marido havia

morrido, não tive escrúpulos de me confessar inocente da morte do fidalgo. Por milagre escapei e o padre, amerciando-se da minha situação, de tal modo se interessou que fui perdoado. Mas juro que, para obter o meu perdão, não revelei o drama que envolvia a sua honra de mulher...

MARIA

(*Com ternura*) José! (*Entra Josefa, com um bule de chá, pela D. A.*)

SCENA IV

As mesmas e JOSEFA

JOSEFA

(*A Maria*) Eu sempre fiz uma pinga de chá! A menina nada comeu ao jantar. Deve estar com fraqueza.

MARIA

Não tinha vontade depois, nem agora.

JOSEFA

Ora, não lhe faz nenhum pêso no estômago! (*Indo ao armário buscar chávenas que põe em cima da mêsa*)

LÊNDEA

(*A Maria*) Ela tem razão.

MARIA

(*A Josefa*) Pois sim, põe tudo aí.

JOSEFA

(*A Maria*) Agora, se é preciso fazer alguma coisa...

MARIA

(*Dando mostras de perturbada*) Não, não quero mais nada. Eu já venho. Não me demoro. (*Sai pelo D. B.*)

SCENA V

JOSEFA e LÊNDEA

LÊNDEA

(*Depois de Maria sair*) Então, Josefa, ficas cá em casa? Estimo isso bastante.

JOSEFA

E' verdade! A tia Quitéria perdeu a tramontana...

LÊNDEA

Rabuje! Ela sempre foi assim.

JOSEFA

Eu sei lá o que aquilo é! Digo-te que é de se não poder aguentar Mas não era só comigo, era com todos. O que esta pobre menina lhe tem aturado, depois da morte de Ricardo. (*Transição*) Cá para mim, foi o melhor que poderia ter acontecido à menina Maria, porque, se o marido não morre...

LÊNDEA

(*Atalhando*) Que acontecia?

JOSEFA

(*Vivamente*) Ela não te contou?

LÊNDEA

Não, não.

JOSEFA

Dava-lhe muito má vida. Não fazes ideia! Há quem diga que até lhe batia pancadas, mas isso não juro, porque não vi. Agora que a moía, que a tratava mal, posso dizê-lo, porque o presenciei muitas vezes. Tomara eu tantas libras como...

LÈNDEA

Mas o motivo? Devia haver uma razão! Tu compreendes, o Ricardo casou com ela por amor.

JOSEFA

(*Com dificuldade*) Pois sim, mas, a coisa é outra...

LÈNDEA

Mas que é, dize lá.

JOSEFA

Olha... ela que te conte. A mim não me agrada dizê-lo, porque... ela que te conte, é melhor.

LÈNDEA

Quê? Alguma coisa má?

JOSEFA

(*Vivamente*) Não, não vás pensar que eu... Toma bem sentido, eu gosto muito da menina, que é digna da maior estima. Assim Deus me ajude em como te digo...

LÈNDEA

(*Pensativo*) Com que Ricardo tratava-a mal! Maria nunca mo disse, nem mo deu a entender. Que grande alma!

JOSEFA

Foi um mau casamento, não há dúvida. Entrou a beber, com ciumes do filho dela. Mal empregada! Merecia bem um homem que a estimasse, que fôsse... (*Vivamente*) Olha, o tio é que tem sido sempre bom para ela. Nunca a desamparou. E' o padrinho do pequeno. A menina tem ali um verdadeiro amigo, como se fôra pai.

LÈNDEA

E, agora, com a minha chegada?...

JOSEFA

Tem-se para aí dito coisas de mil demónios! Nunca vi terra de tanto mexerico. Santo nome de Deus!

LÊNDEA

Em toda a parte é o mesmo! (*Transição*) Mas dize lá o mais importante...

JOSEFA

Assim, como assim, — sempre vinhas a sabê-lo. Diz-se, à bôca pequena, que foi o Ricardo quem matou o fidalgo e que a prova disso está em que lhe tiraram também a vida. Quando Ricardo apareceu morto numa encruzilhada, os ditos e as intrigas fervilharam. Vieram à baila a tua condenação, o filho da menina, o diabo a quatro! (*Transição*) Eu sempre desconfiei que não eras achado no caso... E em volta disto... compreendes... (*Entra Tadeu pela D. A.*)

SCENA VI

As mesmas e TADEU

TADEU

(*A' porta*) Boas noites! (*Olhando em volta*) A Maria foi-se deitar?

JOSEFA

Não senhor.

TADEU

Lá me parecia. Ainda é cêdo para ir para o quente! (*A Lêndea*) Vaís melhor?

LÊNDEA

(*A Tadeu*) Vou indo melhor. Obrigado.

TADEU

Bom, bom. Toca a arribar, que não estás em idade de ir abaixo. (*Reparando no bule*) Ora, ora, que seca esta! Então, não querem lá vêr!

JOSEFA

(*Vivamente*) Que foi?

TADEU

Sempre que venho aqui, há de haver chá na mesa! Parece um desafio! E' de mais...

JOSEFA

Mas, se o tio Tadeu quere, eu vou buscar.

TADEU

(*Detendo Josefa*) Não, deixa. Arrelia-me esta guerra que deram em fazer ao vinho todos vocês, que se enfrascam dessa água chilra. Para que servirá isso? Sempre é uma droga que nem, ao menos, tinge a tripa!

LÊNDEA

(*Sorrindo*) Sim, ninguem se emborracha com chá!

TADEU

E o que tem isso, lá uma vez ou outra? Desde que não seja uma semana a eito e se guardem, pelo menos, os dias de jejum! (*Transição a Lêndea*) Não é assim? Concordas?

LÊNDEA

Mas não bebo...

TADEU

Ora, todos bebem, mais ou menos. Uns do fino, outros do grôsso. De todas as coisas, que se provam, o vinho não é a pior nem a mais cara! Um homem cheio de vinho, ainda pode boiar nalguma alegria, mas o que se encher de dinheiro e nadar com êle, arrisca-se a ir ao fundo com o pêso. Isto quere dizer que mais vale ser alegre que rico. Ralações que as leve o diabo.

LÊNDEA

(*Sorrindo*) Olhe que o demónio...

TADEU

(*Atalhando*) Somos nós uns para os outros, porque a nossa cobiça vai sempre esbarrar na do vezinho. (*Transição*) Contava o meu pai, que, antigamente, na freguesia da Fátima, havia uma Senhora do Rosário de grande devoção. Por sinal, que é madrinha da Maria...

LÈNDEA

Não sabia.

TADEU

Todos os anos, pelos Santos, havia grande festa que chamava o poder do mundo nalgumas léguas de redondo. Mas, com o andar dos tempos, as coisas mudaram, esqueceram-se os milagres e os fieis passaram-se, com armas e bagagem, para um santo do Olival. De maneira que o povo entrou a dizer: — «O Senhor do Olival foi o diabo... que apareceu à Senhora do Rosário!»

SCENA VII

Os mesmos e MARIA

MARIA

(*Entrando da D. B., a Tadeu*) Não se esqueceu de vir?

TADEU

(*A Maria*) Vinha para levar o pequeno comigo, por aí fóra, de passeio. Já o deitaste?

MARIA

Já...

TADEU

Tambem não ha nada perdido. O garoto ainda não tem idade para saltar fogueiras, nem para entender as cantigas das cachopas.

MARIA

(*Sorindo*) Tem tempo...

TADEU

E' preciso fazer dêle um rapaz ás direitas: forte, desempenado, para aguentar com meia canada de um trago!

MARIA

(*Sorrindo*) Eh! Nada disso!

TADEU

Pois homem que não bebe, cão que não aventa e mula que não relincha — fraca pechincha!...

MARIA

Há de ser o que Deus quizer!

TADEU

Rico é mais dificil. Eu não o sou; nenhum de nós o é...

MARIA

Ninguem pensa nisso... por enquanto.

TADEU

Já se entende... Que o dinheiro que vem por artes diabolicas, não é de fiar. Se alguem faz uso dêle, arrisca-se a dar com a ventas num sedeiro. (*Trasição*) Bem; como o afilhado está a fazer ó ó, vou-me vêr os rapazes e as raparigas... Vocês estão de orelha murcha... Em noite de S. João há muito que vêr em sitios escusos... Bons tempos! Bons tempos! Agora, contas na mão e borracha à cinta!

MARIA

Disso é que o tio não se esquece!

TADEU

Pudera! Não há nada como uma boa pinga! E, às vezes, uma companheira... Mas isso já não é comigo!...

Adeus. Boa noite. Passem por cá muito bem... *Sai, pela D.' A., cantarolando*):

> Ó meu rico S. João,
> ó santo do meu carinho!
> dá-me a carne e dá-me o pão,
> que eu me encarrego do vinho!

SCENA VIII

As mesmas, menos Tadeu

Maria

(*A Lêndea, depois de Tadeu sair*) Agora vais-te deitar e, de caminho, tomas o teu remédio.

Lèndea

(*A Maria*) Mas eu não tenho sono!

Maria

Deixá-lo! E' para descansares.

Lèndea

A noite está tão bonita e serena!

Maria

Há muitas noites iguais.

Lèndea

Quere-se ir deitar, não é verdade?

Maria

Não é por isso, que nunca me deito tão cêdo. E' que se trata da tua saude. Quem está doente, tem que obedecer ao medico e á enfermeira...

LÊNDEA

Creia que não me faz mal estar fóra da cama. Apezar de abalado, ainda posso resistir. Tenho passado por coisas piores.

MARIA

Será tudo isso assim; mas eu peço-te e tu vais fazer-me a vontade. (*Transição*) Vamos, encosta-te a mim... Daqui a uns dias verás que te pões bom e que dispensas todos êstes disvélos.

LÊNDEA

A menina estraga-me com cuidados...

MARIA

Não digas isso. (*Desaparece com Lêndea pela D. B., e Josefa indo à janela, ábre-a. A seguir entra Mafalda*)

SCENA IX

JOSEFA e MAFALDA

MAFALDA

(*Entrando*) Olá, Josefa! Estás agora por aqui?

JOSEFA

(*Saindo da janela*) É como vê!

MAFALDA

A menina Maria é menos custosa de aturar que a tia Quitéria, não é assim?

JOSEFA

(*Com intenção*) Cuidei que não fizesse tão bom juizo dela!

MAFALDA

(*Vivamente*) Ah! E' muito generosa e condoída. Não há melhor. Sempre a tive nessa conta...

JOSEFA

(*Como acima*) Aqui está como a gente, ás vezes, faz maus conceitos...

MAFALDA

(*Com subtileza*) Está claro... Eu não me canso de dizer bem dela por toda a parte—no que só faço a minha obrigação. Sou-lhe muito reconhecida.

JOSEFA

(*Como acima*) Mas, nem por isso, lhe tem dado bom pago!

MAFALDA

(*Vivamente*) Intrigas! Intrigas dalguem que me quere mal! Eu não posso evitar a coscuvilhice...

JOSEFA

Isso agora é que eu não sei... Vocemecê não se contentou em acusar o pobre Lêndea; ainda foi mais além...

MAFALDA

(*Com subtileza*) Ora essa! Se o acusei, é porque estava convencida de que êle era um malvado.. E não admira, porque a mãi de Ricardo fez outro tanto! Já vês que não fui eu só!

JOSEFA

Mas ha mais...

MAFALDA

(*Atalhando*) Tu não queres acreditar no poder dos enrêdos! Olha que ha cada alma tinhosa.

JOSEFA

Mas então quem é a autora dos ditos que p'rá ai correm, depois da chegada do Lêndea?

MAFALDA

Eu? Estás a ler!...

JOSEFA

Que havia vocemecê de dizer agora?

MAFALDA

Engânas-te! Nunca fui d'aldrabices...

JOSEFA

Mas ainda não é tudo? Já se descobriu quem matou o fidalgo? Já se sabe quem deu cabo do Ricardo? O caso há de bulir com gente grada, não é assim?

MAFALDA

(*Atarantando-se*) Eu sei lá... Não estás boa de cabeça!...

JOSEFA

Sabe... sabe, sim senhora... pelo menos, da fama não se livra...

MAFALDA

Digo-te que não estou para me ralar.. Tu não entendes mais...

JOSEFA

Deve ser isso...

MAFALDA

(*Numa reviravolta*) Vai tu dizer à menina que lhe desejo dar uma palavrinha e deixa te de cantigas.

JOSEFA

Mas olhe que ela não lhe dá atenção...

MAFALDA

(*Vivamente*) A mim? Tinha que ver!

JOSEFA

Não se agaste; se lhe digo isto, cá tenho as minhas razões...

MAFALDA

Não te metas onde não és chamada... Presumes o que eu lhe quero dizer?

JOSEFA

Não sei, nem me importa, e ela pensa do mesmo modo, creio eu...

MAFALDA

(*Vivamente*) Naturalmente, conselhos do Lèndea! A tua ama pode limpar as mãos á parede com èsse...

JOSEFA

(*Atalhando*) Tome conta na língua, tia Mafalda e não se desculpe depois... (*Transição*) Mas eu vou avisar a menina, que é o mais acertado...

MAFALDA

Acho melhor...

JOSEFA

(*Indo á D., chama*) Ó menina! Faz favor!

SCENA X

As mesmas e MARIA

MARIA

(*Dentro*) Aí vou.

JOSEFA

Está satisfeita?

MAFALDA

Tu vais ver como ela me recebe!...

MARIA

Entre portas sem ver Mafalda) Que me queres?

MAFALDA

(*Com ar risonho, a Maria*) Como passou, menina? Passou bem?...

MARIA

(*Vendo Mafalda*) Que vem fazer aqui? (*Com intimativa*) Ponha-se já no andar da rua!

MAFALDA

(*Espantada*) A menina diz-me isso, a mim?

MARIA

(*Como acima*) Assim mesmo, sem tirar nem pôr!

MAFALDA

Não pensou bem... ou está enganada!

MARIA

Andei... algum tempo, andei... mas, agora, não!

MAFALDA

Nunca ninguem me tratou de pedras na mão!

MARIA

Não quero explicações suas, nem falas!

MAFALDA

Más...

MARIA

(*Atalhando*) Já lhe disse. Faça-me o favor de não voltar mais aqui...

MAFALDA

Põe-me fóra da sua casa? Há de arrepender-se...

MARIA

(*Rindo nervosa*) Já cá estava á espera das suas ameaças...

MAFALDA

Não é preciso tanto... basta-me dizer a verdade. Se até aqui me tenho calado, de hoje para o futuro falarei... (*Batendo com a mão em cima da mesa*)

MARIA

(*Apontando a porta*) O que quizer, mas lá fóra da porta!

MAFALDA

(*Exaltada*) Escusa de gritar; não sou surda nem cega, como a sua sogra...

MARIA

Vá, vá-lhe contar a correr... (*Quitéria assoma á D. A.*)

MAFALDA

Isso é que eu vou para que ela saiba que o seu filho... não é de Ricardo... Há cinco anos que a pobre mulher vive enganada, supondo ter um neto...

SCENA XI

As mesmas e QUITÉRIA

QUITÉRIA

(*Entre portas*) Que é isto? (*A Maria*) Eu ouvi bem? Que diz a Mafalda?

MARIA

(*A Quitéria*) Vai ouvir... (*A Josefa*) Essa mulher daqui para fóra!

JOSEFA

(*Empurrando Mafalda*) Fóra daqui! Rua! Rua!

MARIA

(*Depois de Mafalda saír com Josefa*) Agora, podemos falar...

SCENA XII

QUITÉRIA e MARIA

QUITERIA

(*Após um silêncio*) É então verdade? Estava-me reservada mais esta?

MARIA

É verdade!...

QUITÉRIA

E dizes-me isso, assim, com èsse desplante?

MARIA

Como lh'o havia de dizer?

QUITÉRIA

Parece impossível! .. É inacreditavel! De modo que enganaste o meu filho, atraiçoaste o teu homem, foste má mulher?! Não esperava isso de ti, Maria!...

MARIA

Não enganei Ricardo, nem fui má mulher...

QUITÉRIA

(*Com energia*) Mentira! Mentira!

MARIA

(*Com desespêro*) Não diga isso, minha mãe...

QUITÉRIA

(*Como acima*) Eu sou cá tua mãe! O teu filho nada tem comigo! Não me pertence! Não é do meu sangue!...

MARIA

Nunca enganei ninguem! Ricardo tudo sabia, porque tudo lhe contei. Sabia que eu não tinha culpa!

QUITÉRIA

Não dizes senão falsidades! Durante muitos anos te supuz a melhor das mulheres! E eu tão cega que nem ao menos vi que o men filho... fôsse...

MARIA

(*Atalhando*) Póde dizer o resto... Para que há de ter rebuço? Já estou acostumada a tudo... Posso sofrer, posso suportar toda a espécie de ingratidões e de maus tratos, habituei-me... com o meu marido!

QUITÉRIA

Agora que êle está morto, sabes cuspir-lhe na sombra, é fácil ultrajá-lo, lançar-lhe tudo para cima. (*Com violência*) Mas cá estou eu para dizer a toda gente quem tu és. como a todas enganaste... Contarei as tuas façanhas...

MARIA

(*Com desespêro*) Já lhe disse que êle tudo sabia antes de casar comigo!

QUITÉRIA

Antes de casar contigo? Estás a caçoar ou o que é!...

MARIA

Não era ocasião própria. A Mafalda que lhe acabe de contar, porque, se fôsse eu, vocemecê não acreditava.

QUITERIA

(*Com escárnio*) Que tal é a história, pelo que vejo! É fraco o modo como te defendes! Fraca defeza de tão ruim ação! Eu sou p'rá qui uma velha a que todos podem faltar ao respeito. Melhor fôra que tivesses vergonha na cara, á sombra daquele que foi teu marido e a quem devias guardar mais respeito. Meter aqui um homem que veio das galés, que não te é nada e que tratas como...

MARIA

(*Indignada*) Mas acabe...

QUITÉRIA

Para ti, é tudo igual, já vejo! Ainda bem que o teu filho não me pertence... para não ter como padrasto... um matador!

SCENA XIII

As mesmas e LÈNDEA

MARIA

(*Com espanto e revolta*) Isto é de mais!... (*Vendo Lèndea*) Anda cá, José! Conta aqui, a esta mulher, o que tu passaste, o que tu sofreste para lhe salvares o filho e para que êle cá vivesse, honrado e livre, a amargurar-me os dias, a moer-me com pancadas e maus tratos, a matar-me de desgostos emquanto tu penavas no destêrro! Explica quem foi o matador! Dize, se eu enganei o meu homem alguma vez!...

QUITÉRIA

(*Com escárnio*) Bom fiador, não haja dúvida... (*Lèndea faz um gesto de apaziguar*).

MARIA

Tu não ouves isto? Consentes que ela escarneça de mim e de ti? Não José! E' preciso que a esmagues com a tua dôr e com os teus sofrimentos. Não foi pequeno o teu calvário; foi bastante a nossa desgraça...

LÊNDEA

(*Muito sereno*) Para quê?

MARIA

Para que ela não me enxovalhe mais... para que não te acuse e não pense que a amisade, que te devo, se transformou em amor de amante! Para que saiba que, prezando-te muito, acho pouco fazer de ti o padrasto do meu filho!

LÊNDEA

(*Como acima*) Mas para quê?

MARIA

Para dizeres tudo! homem! Para que tudo se saiba! E' tempo de falar verdade! (*Com muita energia*) E' tempo de levantares a cabeça declarando que o filho dela matou... e tu fostes o condenado! Que eu e Ricardo fômos tão cobardes que te deixámos partir para o degrêdo... Por minha parte, sabe-o Deus! que não sei como ainda estou viva! Dize isto, anda, para lhe tapar a bôca venenosa!

QUITÉRIA

Que oiço eu? O meu filho matador! Mentes, mulher perversa, mentes! Não dizes senão impropérios e falsidades! Não te bastou enganá-lo em vida, queres ainda sujar-lhe a memória depois de morto! Maldita! Maldita sejas tu e o teu amante!... (*Põe as mãos na cabeça e sai espavorida pela E.*)

SCENA XIV

LENDEA, MARIA e um côro fóra

LÊNDEA

(*Sorrindo*) Já não creio em maldições! Creio sómente em que...

MARIA

(*Sacudindo os seus pensamentos*) Deixá-lo! Deixá-lo! A minha vida és tu! (*Abraça José*) Escuta! (*Sobresaltando-se*) Chego a ter mêdo! (*Ouve-se o rumor de uma canção e pelas janelas do F. vê-se um clarão vermelho de fogo d'artifício*)

LÊNDEA

(*Sorrindo*) Agora, é uma bênção...

VOZES, em côro, ao longe

Perto, longe, em qualquer parte,
andas no meu coração;
tirei a sina de amar-te,
a sina tinha razão.

MARIA

(*Enlevada*) A sina falou verdade... E, agora, perdoa-me. Eu devia... (*Suspende-se enlevada*)

LÊNDEA

(*Sorrindo*) Devia o quê, Maria?

MARIA

(*Abraçando Lêndea*) Ter adivinhado!...

(*Cai o pano*)

FIM

ERRATAS

Páginas	Linhas	Onde se lê :	Leia-se :
27	23	«Nem	Nem
27	24	casamento.»	casamento.
42	21	mais esta	mais desta
57	13	bem	Bem
101	2	êle te disse ?	êle disse ?

3.º ACTO — Pag. 91
All.º
Eu le vo noi-tes in--tei-ras Sem me po-der ir dei--tar
A lu-a já traz o-lhei-ras Por ter que m'a-lu mi--ar.
Por ter que m'a-lu-mi--ar A-lu--a pa--re-ce tris--te
Des-de que te fui ron-dar Não sei mes-mo se tu viste. Ai o-lé que
dôr Ai o-lé quem ha de Di-zer s'é a-môr Di-zer s'e sau-dà-de Ai
ó-lé que dôr Ai o lé quem ha-de Di-zer s'é a-môr Di-zer s'é sau-
da--de
D.C.
5.º ACTO — Pag. 148
And.te Mod.to
Per-to lon-g'em qual-quer par-te An-das no meu co-ra--
-ção Ti-rei a si-na d'a-mar-te A si-na ti-nha ra--
xão.